



***UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA***  
***FACULDADE DE EDUCAÇÃO***

**A CONTRIBUIÇÃO DOS VALORES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA  
EVITAR O BULLYING ESCOLAR.**

**NAYRANNA DE CARVALHO LOPES**

***BRASÍLIA-DF, FEVEREIRO DE 2013.***





***UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA***  
***FACULDADE DE EDUCAÇÃO***

**A CONTRIBUIÇÃO DOS VALORES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA  
EVITAR O BULLYING ESCOLAR.**

**NAYRANNA DE CARVALHO LOPES**

***BRASÍLIA-DF, FEVEREIRO DE 2013.***

**NAYRANNA DE CARVALHO LOPES**

**A CONTRIBUIÇÃO DOS VALORES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA  
EVITAR O BULLYING ESCOLAR.**

*Trabalho Final de Curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia, à Comissão  
Examinadora da Faculdade de Educação da  
Universidade de Brasília, sob a orientação  
da professora Dr<sup>a</sup>. Sônia Marise Salles  
Carvalho.*

***Comissão Examinadora:***

***Profa. Dr. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)***  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

***Prof. Dr. Tadeu Queiroz***  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

***Profa. Dr. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira***  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

**BRASÍLIA-DF, FEVEREIRO DE 2013.**

**NAYRANNA DE CARVALHO LOPES**

**A CONTRIBUIÇÃO DOS VALORES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA  
EVITAR O BULLYING ESCOLAR.**

*Trabalho Final de Curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia, à Comissão  
Examinadora da Faculdade de Educação da  
Universidade de Brasília, sob a orientação  
da professora Dr<sup>a</sup>. Sônia Marise Salles  
Carvalho.*

**Comissão Examinadora:**

---

***Profa. Dr. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)***  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

---

***Prof. Dr Tadeu Queiroz***  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

---

***Profa. Dr. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira***  
*Faculdade de Educação da Universidade de Brasília*

**BRASÍLIA-DF, FEVEREIRO DE 2013.**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia a Deus e à minha família por estarem sempre ao meu lado oferecendo-me apoio, incentivo e coragem para vencer os desafios e tornar-me a cada dia, uma pessoa melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter sido minha grande fonte de vida, amor, apoio, fé, sabedoria e perseverança. Agradeço-o por ter permitido conquistas e vitórias na minha vida e por sempre estar ao meu lado. Sem Deus, eu não sou nada.

À minha mãe, Silvana, por todo amor e dedicação que me proporcionou ao longo da vida. Sempre esteve ao meu lado disposta a ajudar e a ensinar-me valores importantes. Agradeço-a por dedicar toda a sua vida à nossa família.

Ao meu pai, Renato, por ser o meu grande incentivador e por me encorajar em muitos momentos da minha vida. Agradeço todos os seus esforços para o meu bem e o bem da nossa família.

Aos meus amados irmãos, Thawanna e Lucas, por todo apoio e afeto. Por serem pessoas eternamente especiais. É inenarrável a importância deles na minha vida.

Agradeço aos meus avôs e avós, por serem grandes incentivadores e fontes de sabedoria e apoio.

Aos meus tios e tias por toda positividade que emanaram.

Ao meu namorado e companheiro, Alexandre, por todo apoio, carinho e compreensão dedicados.

A todos os meus amigos e colegas de curso, em especial, Natália Vanessa e Marcílio Filho. Agradeço todos os momentos agradáveis que me proporcionaram e por todo apoio durante o curso. Foram pessoas muito importantes na minha vida.

Aos muitos professores que tive ao longo da minha trajetória escolar e acadêmica, mas em especial, a alguns professores da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, que me proporcionaram momentos valiosos de aprendizagem e amadurecimento.

À querida professora Sônia Marise Salles Carvalho, na qual considero uma das melhores professoras que tive durante a vida, por contribuir muito para a minha formação. Agradeço-a por ser atenciosa e ter me orientado durante este trabalho, dando-me apoio, auxílio e incentivo.

E por fim, agradeço à Universidade de Brasília e à Faculdade de Educação, por terem me dado a oportunidade de concretizar mais uma etapa da minha vida, proporcionando-me uma formação de qualidade, da qual levarei para o resto da vida.

“A amorosidade de que falo, o sonho pelo qual brigo e para cuja realização me preparo permanentemente, exigem em mim, na minha experiência social, outra qualidade: a coragem de lutar ao lado da coragem de amar!”

**Paulo Freire**



## SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT.....	10
APRESENTAÇÃO.....	11
PARTE I: MEMORIAL EDUCATIVO.....	12
1.Memorial educativo.....	13
METODOLOGIA.....	24
PARTE II: A CONTRIBUIÇÃO DOS VALORES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA EVITAR O BULLYING ESCOLAR.....	25
CAPÍTULO 1: REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE ECONOMIA SOLIDÁRIA, EDUCAÇÃO E BULLYING ESCOLAR.....	26
1.1 Economia Solidária e Educação .....	26
1.2 O Bullying escolar em uma perspectiva sociológica.....	32
CAPÍTULO 2: RELATO DE VIVÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR.....	39
2.1 Relatos de vivências na escola.....	39
2.2 Relatos sobre a sala de aula.....	43
CAPÍTULO 3: DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS.....	46
3.1 Descrição das oficinas pedagógicas.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
PARTE III: PERSPECTIVAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS.....	55
PERSPECTIVAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	58
ANEXOS.....	60
Anexo 1. Questionário aplicado na escola.....	60

## RESUMO

O Bullying é um tipo de violência escolar que acarreta consequências negativas e destrutivas aos atores que dele participam e ao meio social no qual se encontra inserido. A abordagem do Bullying neste trabalho está voltada para uma perspectiva sociológica. Na centralidade da pesquisa realizada, buscou-se relacionar os princípios da Economia Solidária, consistido em: valorização do ser humano, cooperação, solidariedade, democracia, ética, amizade, tolerância à diferença, relação de respeito e qualidade de vida, como valores indispensáveis de serem trabalhados na escola buscando refletir melhores relações sociais e por consequência a erradicação da violência escolar, como o Bullying. Teve-se como base os Projetos 3 e 4 de Economia Solidária, da Universidade de Brasília.

**Palavras-chave:** Economia Solidária, Bullying escolar, Educação.

LOPES, Nayranna de Carvalho. A contribuição dos valores da Economia Solidária para evitar o Bullying escolar. Brasília-DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2013.

## APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é a etapa final como parte do requisito para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Marise Salles Carvalho, com o enfoque voltado para a Economia Solidária e a Sociologia da Educação, o trabalho teve por objetivo incorporar ao processo educativo de sala de aula, valores da Economia Solidária, com intuito de influenciar positivamente o ambiente escolar no combate ao Bullying e suas práticas.

A primeira parte do trabalho é constituída pelo Memorial Educativo, que resgata vivências e memórias ao longo de minha vida pessoal, profissional, escolar e acadêmica. Todo o conjunto de vivências e minha subjetividade culminaram na escolha deste tema que será desenvolvido ao longo do trabalho.

O embasamento teórico e os relatos das oficinas realizadas na escola compõem a segunda parte do trabalho. Nele foi desenvolvido um estudo sobre a Economia Solidária, enfatizando os seus valores e princípios, com a intencionalidade de leva-los à escola e trabalha-los de forma lúdica através de oficinas e práticas solidárias a fim de evitar que as crianças e adolescentes pratiquem o Bullying ou qualquer outro tipo de violência escolar, reforçando os vínculos sociais.

Faço reflexões de experiências vividas por mim durante minha trajetória escolar e o Bullying. Em um mundo onde o sistema capitalista impera impregnando a competição como a melhor forma de sobrevivência, as pessoas tendem a querer serem melhores do que as outras, buscando diminuir e/ou humilhar o próximo, às vezes, por meio de práticas violentas, para benefício próprio. Sem deixar de considerar que a competição é algo natural e universal da espécie humana, a proposta consiste em não incitar essa competição alienada e destrutiva que promove desigualdades sociais, mas sim, promover a cooperação como uma alternativa viável para tornar cidadãos conscientes e cooperativos, baseando-se em práticas educativas e valores solidários a serem alimentados dentro da escola para evitar o Bullying, a intolerância e outros tipos de violência.

O trabalho é finalizado com a terceira parte, onde é exposto minhas perspectivas pessoais e profissionais a partir da minha formação no curso de Pedagogia pela Universidade de Brasília.

**PARTE I**  
**MEMORIAL EDUCATIVO**

### **1.1 Memorial Educativo**

É muito interessante e nostálgico fazer um resgate histórico das minhas experiências de vida e ao mesmo tempo poder compreender e concluir que tudo que eu vivi, sejam experiências boas e ruins, foram válidas para a minha formação como pessoa e como estudante. Todas as minhas vivências refletem-se no meu presente, na minha subjetividade e na minha conduta.

Eu nasci em 16 de setembro de 1991, na cidade de Brasília. Sempre tive uma família muito unida e amorosa, que sempre me apoiou em todas as situações. Seria impossível fazer um memorial sobre a minha vida, mesmo que o foco seja na minha educação, sem me referir à minha família do qual temos um elo de amor e motivação.

Minha educação familiar sempre foi muito rígida, sempre fui muito cobrada em tudo, seja na vida escolar, pessoal e religiosa. Mas não acho que seja algo ruim, pois tudo isso me deu suporte para enfrentar a vida. Tenho uma irmã e um irmão, no qual temos um grande vínculo afetivo e uma ótima relação. Posso ressaltar com toda a certeza baseando-me em minhas vivências, que a base familiar na vida de uma pessoa é muito importante na construção de valores, além de ser algo que impulsiona, encoraja e motiva.

Minha vida escolar iniciou-se aos 5 anos de idade, em uma escola de educação infantil chamada Casinha Feliz. Era prazeroso ir à escola porque além de aprender, lembro-me o quanto as atividades lúdicas foram importantes para o meu desenvolvimento, para a minha socialização e para a motivação de frequentá-la. Como eu tive um ótimo desempenho e era uma boa aluna, fui adiantada um ano. Fiz apenas o primeiro e o terceiro ano do ensino infantil. Tenho boas lembranças dessa época, lembro-me de boa parte de meus colegas e também da minha primeira professora.

Aos 7 anos de idade, no ingresso do ensino fundamental, fui para uma escola católica titulada Colégio Domingos Sávio, que fazia referência a um santo da igreja católica. Era uma escola antiga pois alguns familiares meus haviam estudado lá quando crianças. Todo o corpo pedagógico da escola, desde a diretora aos professores, era extremamente afetuoso, atencioso e acolhedor. Aprendi muita coisa por lá, apesar do método ser tradicional, os professores iam muito além. Fiz muitos vínculos de amizade das quais ainda mantenho contato e são os meus melhores amigos. Os professores sempre me elogiavam nas reuniões de pais e mestres, pois eu tinha um ótimo desempenho em todas as disciplinas. Porém eu não tinha um bom

comportamento pois conversava muito durante as aulas, brincava e atrapalhava os professores durante a aula, mas o meu desempenho escolar em nada era afetado.

Em certa época, minha família passou por dificuldades financeiras, e na 3ª série do ensino fundamental fui estudar em uma escola pública chamada Escola Classe 50 de Taguatinga, popularmente conhecida como “cinquentinha”. E lá eu vivenciei outra realidade na qual eu não estava acostumada. Os meus colegas estudantes vivenciavam outra cultura de socialização, muitos eram de famílias carentes e faziam sua primeira refeição do dia com o lanche da escola, e isso me chocou bastante. Os estudantes eram mais autônomos, audaciosos e alguns tinham um perfil bastante violento. O ensino era diferenciado, sem tanta atenção com relação aos alunos por parte dos professores. E eu estava bem à frente do conteúdo que estava sendo ensinado, então tive muita facilidade para me adaptar. Fiz alguns amigos, e conheci uma professora incrível que me incentivava muito a escrever e a ler, ela adorava as minhas poesias e fez um projeto muito legal montando um livro com as poesias de todos os alunos da classe. Todos ficavam excitados e motivados a criar, ler, pesquisar e escrever. Foi uma ótima estratégia pedagógica. Nessa escola permaneci na 3ª e 4ª séries do ensino fundamental.

No ano seguinte retornei ao Colégio Domingos Sávio, e lá permaneci da 5ª a 8ª série do ensino fundamental. Nesse período, tive muitas dificuldades e meu desempenho escolar não tão bom quanto antes, pois eu não conseguia assimilar matérias como matemática, física, geometria e química. Não era boa em aprender matérias que envolviam números e cálculos, disciplinas das ciências exatas. E eu sofria vendo meus pais decepcionados com as minhas notas e com meu baixo desempenho, pois algumas vezes cheguei a ficar de recuperação nessas disciplinas. O professor dessas disciplinas era sério e passava o conteúdo de forma rápida e sistemática e por isso eu não conseguia acompanhar aquele rígido raciocínio. Se antes modestamente eu era uma ótima aluna, agora eu era uma aluna mediana com muitas dificuldades.

Essa época foi importantíssima em minha vida, pois eu estava crescendo e me descobrindo. Fiz alguns amigos e aos poucos ia amadurecendo. Acredito que seja uma época em que as relações sociais ficam mais estabelecidas pois cria-se fortes vínculos de amizade. Foi justamente nessa fase que vivenciei experiências desagradáveis com relação ao Bullying, e aquilo ficara internalizado em mim. Eu era muito magra e muito alta, meio desajeitada e insegura, e em meio a essas características, alguns colegas de sala me apelidavam e riam de mim, isso aumentava a minha insegurança e acabava com a minha autoestima. Muitas vezes eu me isolava e não tinha vontade de ir à escola. Foi uma experiência muito ruim, pois eu

cresei internalizando muitas coisas que ouvi e vivi por causa do Bullying. Mas muitas vezes eu fingia não me importar com a zombaria e acabava agindo naturalmente.

Havia algo muito prazeroso na escola e que me motivava apesar do Bullying, que era me apresentar na escola. Eu adorava dançar, encenar e tudo que fosse ligado a arte. E por incrível que pareça, era nos palcos que eu me sentia segura e resgatava minha autoestima. Eu era muito elogiada pelos professores nesse quesito, apesar da proibição da minha mãe que achava que isso iria atrapalhar os meus estudos. Era dançando, encenando e me apresentando que eu sentia força, segurança e notoriedade. Eu me sentia quem eu realmente queria ser. Fui privada pelos meus pais de fazer várias coisas que gostaria de ter feito como dança do ventre, balé, aulas de violão e de canto entre outros, pois minha família é muito religiosa e conservadora. Hoje em dia, não há mais tanta rigidez e privações, porém as minhas expectativas e foco são outro.

Em meio a esses acontecimentos, lembro-me que eu tinha professores muito bons. Como eu disse, a escola se baseava pelo método tradicional, que muita das vezes só reproduz o conteúdo. Mas alguns professores iam além e nos faziam refletir e instigava a questionar e criticar, o que é algo muito bom. Eram professores do qual tenho enorme admiração e lembro-me até hoje.

A escola sempre tinha projetos de gincanas, feiras culturais, festas da família e até mesmo missas, pois era um colégio católico. E eu gostava muito de todos os projetos da escola, pois os conteúdos ficavam relacionados entre si, além de unir aprendizagem e lazer, o que ajuda muito na assimilação. Todos os projetos era um pretexto para que eu pudesse fazer alguma apresentação artística. Eu coordenava os grupos de dança e gostava muito disso. As apresentações eram realmente muito boas, pois eu sempre gostei do ‘novo’ e buscava diferentes influências e inspirações. E nisso eu era muito elogiada pelos professores, pelos colegas que comigo faziam a apresentação e pelo público. Aquilo era um refúgio da menina insegura que eu era.

Começava então a florescer uma adolescente. Comecei a descobrir coisas novas no meu corpo, no meu jeito e na minha percepção de mundo. Lembro-me de ser muito tímida e de não socializar com facilidade. Eu acredito que isso tenha uma forte ligação com a educação rígida que tive da minha família. Tudo estava refletido em minha timidez, insegurança e dificuldade de socialização. Apesar disso, eu tinha alguns poucos amigos.

Os anos foram se passando, e o que posso resumir da minha vivência de ensino fundamental II foram os meus ótimos professores, uma escola acolhedora, momentos bons de descoberta, alguns bons amigos, minha paixão pela dança, minha dificuldade em ciências

exatas e algumas experiências como vítima de Bullying vividas na escola. Sendo acontecimentos bons ou ruins, tudo me foi válido e não me lamento por nada.

No ensino médio, fui estudar em um colégio que ficava próximo a minha casa, chamado Colégio Santa Teresinha. O colégio também era religioso assim como a escola que eu estudei a maior parte do tempo do ensino fundamental. Foi uma experiência nova, pois era um colégio maior, com colegas com maior maturidade e novas disciplinas também. Começava então a pressão e a cobrança por passar no vestibular da Universidade de Brasília, era o desejo da maioria dos alunos e também o meu. Desde o primeiro ano do Ensino Médio fiz minha inscrição no PAS – Programa de Avaliação Seriada – que avalia de forma periódica em cada ano do Ensino Médio. No primeiro ano, tive um ótimo desempenho na prova do PAS, obtive uma das melhores notas entre os meus colegas. Até mesmo no meu desempenho escolar, apesar das muitas disciplinas, eu ia com um bom rendimento. Apesar da minha dificuldade em ciências exatas permanecer, eu sempre buscava melhorar e fazia grupos de estudo para melhor assimilação das disciplinas.

Mesmo em um novo colégio, eu comecei a me apresentar desde o início do ano letivo. Eu dançava, encenava e participava ativamente dos projetos culturais. Comecei também a praticar esportes e em especial o basquete. Era algo que me agradava muito. No mesmo período também ingressei em um curso de inglês e afirmo com toda a certeza que foi um dos melhores investimentos que meus pais fizeram na minha educação, pois além de eu gostar muito da língua e da sua cultura, sei da importância que isso tem no campo profissional. Sempre tive facilidade na aprendizagem dessa língua, pois era habitual ouvir músicas e assistir filmes e seriados em inglês. O curso eu fiz até o nível intermediário, não pude concluí-lo como avançado por uma crise financeira. Mas a experiência foi válida porque falo, escrevo e leio a língua inglesa fluentemente.

No primeiro semestre do segundo ano do Ensino Médio fui mantida no mesmo colégio. Tenho boas lembranças de boas amizades e ótimas experiências. Mas no segundo semestre tivemos uma crise financeira e fui estudar em um colégio público. No começo eu não quis aceitar bem essa ruptura e logo pensava em como eu faria para socializar com as pessoas, pois eu tinha uma grande dificuldade. Mas sem escolhas, fui. O colégio escolhido foi o Centro Educacional 06 de Taguatinga. O mesmo foi selecionado pelas boas referências, pela acessibilidade e por alguns primos terem estudado lá. No começo eu me sentia deslocada, pois as pessoas eram diferentes do que eu estava acostumada. Meus colegas de classe eram muito maduros, alguns já eram casados e tinham filhos, outros já trabalhavam e algumas meninas iam para aula gestantes. Na minha classe tinha alguns estudantes deficientes auditivos que



acompanhavam a aula através de uma intérprete de Libras – Língua Brasileira de sinais. Eu achava tudo muito interessante e fazendo uma comparação com os meus colegas do colégio privado e do colégio público, era realmente explícito a maturidade, autonomia e a solidariedade dos meus colegas do ensino público. Eles não eram apegados com futilidades e se ajudavam muito. E isso fez com que eu tivesse outra visão sobre a vida e mudasse algumas atitudes. Também passei a pensar no outro e não só em mim e a me desapegar de futilidades, algo que era fortemente vivenciado no ambiente do colégio privado do qual eu estudei. As pessoas também não eram tão preconceituosas e egoístas, conviviam uns com os outros em respeitando as diferenças físicas. As intrigas que ocorriam, geralmente eram por questões de dívidas com drogas e relacionamentos amorosos e rivalidade de gangues. Era outro panorama de violência escolar, mais desvinculado de problemas com a pessoa em si, mas sim nas ações e atitudes das pessoas.

Quanto ao meu desempenho escolar, eu tinha um ótimo rendimento. Pois muitos conteúdos eu já havia estudado no primeiro ano do ensino médio. Alguns professores estavam claramente cansados, desmotivados e decepcionados com a vida e com a profissão, e isso prejudicava a sua didática. Em consequência, os grandes prejudicados eram os alunos que pouco aprendiam e que não conseguiam ver sentido no por que de se estudar aquelas disciplinas. O objetivo da maioria era apenas ter o diploma do Ensino Médio e depois trabalhar, sem pensar em dar continuidade aos estudos no Ensino Superior. Poucos professores instigavam uma perspectiva de futuro, estudos e até mesmo sobre a vida. Apenas reproduziam o conteúdo e de forma mal elaborada e pouco interessante. Lembro-me que na disciplina de inglês, muitos colegas de classe tinham uma enorme dificuldade na assimilação e aprendizagem do conteúdo. Então muitas vezes eu auxiliava a professora e ajudava os meus colegas.

Para suprir a falha da minha aprendizagem no ensino público, pois eu estava além do que estava aprendendo em sala de aula, meus pais decidiram me colocar em um curso preparatório para o vestibular e o PAS da Universidade de Brasília. Então eles me inscreveram no curso ALUB. Foi algo muito legal na minha vida, tenho boas recordações. As aulas eram muito interessantes e descontraídas. As estratégias pedagógicas utilizada pelos professores eram as mais inovadoras, criativas e dinâmicas que já vivenciei. Os professores nos incentivavam constantemente, pois eles já haviam sido alunos da UnB e isso servia de exemplo a ser seguido. Mesmo com tanto incentivo, eu não me importava tanto quanto a cobrança de ter uma boa nota na segunda fase do PAS, já que havia tido uma boa nota na primeira fase, isso era uma ideia equivocada. Então muitas vezes eu faltava as aulas do

cursinho para sair com amigos, não prestava atenção nas aulas, não estudava, não comparecia aos simulados oferecidos pelo curso e tão pouco me importava com a prova. O resultado disso é que obtive uma nota muito baixa na segunda fase do PAS. Meus pais ficaram muito decepcionados comigo e isso me doeu muito. Pois eles se sentiram lesados com o investimento que estavam fazendo na minha educação. Era como se eu tivesse sido ingrata por todo esforço que eles faziam diariamente para me ajudar. A partir do momento em que vi minha mãe triste comigo, a ponto de quase chorar, decidi levar os estudos e a vida mais a sério. Pois ficava distraída com amigos e namoro.

No terceiro ano do ensino médio, comecei a levar os estudos e a vida mais a sério. Pela educação rígida familiar que eu tinha, eu não saía para festas e não tinha o menor lazer, somente em momentos com a família. O que era extremamente chato e estressante, pois eu só estudava e frequentava a igreja. O que de fato eu não achava que fosse algo ruim, mas as vezes eu sentia necessidade de conhecer mais o mundo, mas era impedida e vivia com muitas restrições. Meu último ano no ensino médio foi tranquilo, eu tinha poucas e boas amizades, os estudos fluíam bem e no mais tudo funcionava em harmonia. Apesar de manter a mesma aparência, sendo alta, magra e insegura, eu não era mais vítima de Bullying, pois como eu havia citado, as pessoas lidavam bem umas com as outras e respeitavam diferenças físicas e até mesmo suas deficiências. Porém, o Bullying que sofri durante a maior parte do Ensino Fundamental ficou internalizado em mim, e de alguma maneira cresci complexada e tímida.

Neste último ano, contra a minha vontade, minha família resolveu investir no mesmo cursinho pré-vestibular que eu fazia. Eu não tive a menor vontade de fazer este cursinho porque não acreditava que seria capaz de passar na UnB e não queria ser cobrada e pressionada. Eu achava que seria um investimento inútil. Mas mesmo contra a minha vontade, fui fazer. Mas desta vez, eu realmente prestava atenção nas aulas e nas dicas dos professores. Frequentava o cursinho assiduamente e era uma estudante aplicada. Era o momento de eu escolher o curso que iria fazer e essa decisão iria influenciar o resto da minha vida. No começo, eu queria o curso de Comunicação Social, porém na hora de escolher, fui fortemente influenciada a escolher Pedagogia pela minha tia que é professora e bem sucedida na área. Também achei o número de vagas mais acessível. Eu sabia muita pouca coisa sobre a Pedagogia e só tive vontade de ser professora quando era criança, mas mesmo assim escolhi o curso de Pedagogia com segurança.

Muitas coisas ruins aconteceram na minha vida nessa época. Tive problemas pessoais que me abalaram muito, me faziam sofrer demais. Eu não tinha uma boa relação com meu pai e ficava passiva a tudo. Minha família também vivenciou o divórcio dos meus avós e o

sofrimento da minha vó. Além de eu ter tido um problema de saúde relacionado aos rins. Fui internada com fortes dores, passei por cirurgia e muitos medicamentos. Essa soma de problemas físicos e emocionais me abalou e me enfraqueceu, mas eu acredito que Deus estava ao meu lado o tempo todo me dando forças. Tudo isso aconteceu em um mesmo mês e por incrível que pareça no mesmo mês em que iria ocorrer a terceira e última prova do PAS. Eu fiquei com muito medo de não poder fazer a prova, de o médico não me conceder alta para que eu pudesse concluir a prova do PAS, pois todo o esforço de um ano todo e de uma vida de estudos seria perdido ao não poder chegar ao meu objetivo. Isso me angustiava e trazia muita ansiedade. Minha mãe pedia para que eu me concentrasse na minha recuperação e na minha saúde e que eu não fizesse a prova. O médico pediu o mesmo, mas fui contra todos e insisti em fazer a prova. O médico me examinou e disse que eu poderia fazer a prova se eu não fizesse muito esforço físico pois eu estava com um cateter. Fiquei aliviada e tranquila. Na madrugada que antecedia a prova, eu estava sem sono e resolvi assistir televisão no quarto do hospital. Então vi uma reportagem que se tratava da crise financeira na Europa naquele mesmo ano de 2008. A reportagem era bem detalhada e informativa. Depois que a assisti, fui dormir.

No outro dia, era o dia da última prova do PAS. Recebi alta do hospital 6 horas antes da prova. Meu corpo estava muito inchado por causa de tantos líquidos que eu era obrigada a inserir e também pelo soro. Minha mão e meus dedos estavam tão inchados que eu mal conseguia segurar uma caneta, tinha muita dificuldade. E isso me preocupou pois poderia prejudicar meu desempenho na prova. Para se chegar ao local da prova, estava muito difícil pelo trânsito congestionado de carros, e para não me atrasar eu corri em boa parte do caminho, contrariando as recomendações do médico. Meu corpo doía muito, eu estava com inchaço e dor nos rins e na cabeça. Mas continuei. Consegui enfim chegar ao local da prova e me senti tranquila, aquela seria a hora de aplicar tudo que estudei e vivenciei. Fiz a prova tranquilamente. Não tive a mínima dificuldade com relação ao que estava sendo cobrado na prova, tudo fluía muito bem. A minha única dificuldade era segurar a caneta pelo inchaço das minhas mãos. Todos temiam o tema da redação, e para a minha surpresa, o tema era sobre a Crise Econômica Europeia e as suas consequências, justamente sobre a reportagem que eu havia assistido na madrugada que antecedia a prova por estar sem sono. Aquela reportagem me deu subsídios suficientes para fazer aquela redação com propriedade sobre o assunto. Sem ela eu estaria sem muita informação sobre o tema. Acredito que esse simples fato foi uma ajuda, uma luz divina. Resumindo, a prova foi tranquila. Não fiz muitas questões de ciências

exatas e estava muito segura e atenciosa. Minha redação também havia sido prazerosa de se fazer. Depois de tudo isso, era de tempo para esperar o resultado.

Enquanto eu esperava o resultado sair, meu pai fez com que eu continuasse estudando, para que caso eu não passasse no PAS, eu fizesse o vestibular da UnB. Meu pai dizia que não iria admitir que eu fizesse um curso em uma instituição privada, pois segundo ele, era fácil para qualquer um ser aprovado no vestibular dessas instituições. Além de que, segundo ele, estar em uma universidade pública era questão de status e prestígio, já que nenhum membro da família havia ingressado em uma, privilégio para poucos.

Quando saiu o resultado, fiquei muito feliz! Eu era motivo de orgulho para toda a família. Eu não sabia se chorava ou sorria. Era muito gratificante saber que todos os meus esforços, sofrimentos e dificuldades foram válidos e que o meu objetivo enfim havia sido alcançado. Aquele era um momento único em minha vida. Pois há um tempo anterior àquele, eu estava mal em muitos sentidos, físicos e emocionais. E no momento em que estava vivendo tudo ia bem, eu estava melhor fisicamente e emocionalmente, havia ingressado na Universidade de Brasília – uma das melhores do país – e estava com a vida pessoal e familiar em harmonia. Sem dúvidas, acredito que foi uma grande benção de Deus na minha vida.

O meu ingresso na Universidade de Brasília era algo novo, uma nova etapa na minha vida, em que tive que amadurecer em muitos aspectos. Se eu pudesse definir em uma palavra o que a UnB proporcionou na minha vida, a palavra seria autonomia. Eu sempre fui muito controlada em todos os aspectos e depois que ingressei na universidade, senti uma sensação única de autonomia e liberdade. Eu decidia minha vida, meus horários...podia caminhar com os meus próprios pés e fazer as minhas escolhas.

Pude conviver com pessoas que jamais imaginava um dia conhecer. Tive professores extraordinários, brilhantes, que me incentivavam a refletir sobre as coisas. Nos primeiros semestres do curso de Pedagogia eu me sentia um pouco perdida e não tinha certeza do que eu realmente queria. Tudo era muito teórico e às vezes não fazia tanto sentido para mim, pois não havia tido nenhuma experiência na área da educação. Eu passava o dia todo na universidade tendo aula e também interagindo com os outros calouros. Dentre todos os meus colegas calouros, me identifiquei e tinha mais amizade com duas pessoas que foram extremamente importantes nas vivências dentro da universidade. E tenho certeza de que quando um dia eu lembrar das minhas experiências universitárias, com certeza me lembrarei deles, pois trouxeram muitas coisas boas na minha vida.

No terceiro semestre do curso, eu optei por trabalhar e ter a minha independência financeira. Eu trabalhei na CTIS, e lá eu era atendente e prestava serviços terceirizados ao

Ministério da Educação, trabalhando com projetos e programas de avaliação da educação brasileira. Isso fez com muitas coisas que eram vistas na faculdade, fizessem sentido na minha vida de estudante. Vi então a importância de unir teoria e prática. Quando comecei a trabalhar, as coisas ficaram mais difíceis por questão de horários e de que eu não consegui me dedicar aos estudos como eu gostaria, pois o trabalho exigia muito do meu tempo e da minha energia. Nesta empresa trabalhei 1 ano e 2 meses, foi quando eu optei por sair do emprego e me dedicar aos estudos.

Quando pude me dedicar aos estudos, fiz o meu primeiro estágio. Era o estágio obrigatório e o fiz no CELAN – Centro Educacional do Lago Norte. Foi aí então que tudo fez sentido e realmente decidi que gostaria de trabalhar na área da Educação. Estagiei em uma turma do 2º ano do ensino fundamental. As crianças eram bem pequenas e a professora era extremamente autoritária e chegava até a humilha-las. Eu dava apoio ao trabalho da professora e acompanhava as crianças que tinha defasagem no processo de aprendizagem. Muitas das crianças eram carentes e iam à escola para comer a merenda oferecida no lanche da tarde. Eu ficava muito triste com aquela situação. Mas foi uma experiência muito válida e a partir de então me apaixonei pela Pedagogia e tive uma forte certeza de que realmente queria que o meu trabalho fosse voltado para as pessoas mais carentes e desfavorecidas da população, ajuda-las a sair da uma massa alienada e proporciona-las liberdade e uma vida digna através da educação.

Depois da minha experiência em sala de aula, me sentia mais motivada no curso e a assistir as aulas, pois agora eu conseguia ter melhor entendimento sobre as coisas. Desde o começo do curso eu já sabia sobre o que gostaria de escrever na minha monografia, que era a questão do Bullying, pois foi algo que vivenciei e sabia que influenciava negativamente na vida das pessoas e no meio social.

Outro momento importante do curso na minha vida foram minhas vivências nos projetos 3 e 4 de Economia Solidária com a professora Sônia Marise. Posso afirmar que ela foi a professora que mais me marcou durante o meu período acadêmico. Fiquei deslumbrada com tudo que aprendi e vivenciei durante o projeto e tudo me fez enxergar o mundo com outros olhos, me fez refletir, criticar, aprender! Todas as vivências teóricas em sala de aula e práticas em uma ONG em Santa Maria, cidade satélite de Brasília, foram fundamentais para o meu entendimento sobre a Economia Solidária e os seus princípios. Contribuiu muito para a minha aprendizagem e para o meu crescimento como pessoa.

No sexto semestre, eu fiz outro estágio, mas desta vez remunerado e em outra realidade distinta do que eu havia feito. Foi na Fundação Visconde de Cabo Frio, uma escola

particular que trabalhava com o foco na educação infantil apoiada no método natural. Foi uma experiência maravilhosa e singular. Pude conhecer mais a fundo métodos e técnicas de se trabalhar na educação infantil pois eu me envolvia muito nos projetos pedagógicos da escola. Eu trabalhei em várias turmas como professora volante e também fixa em uma turma do segundo período. Eu me apeguei muito às crianças, algumas me chamavam até de mãe. Eu fazia uma série de atividades além de ensina-los e alfabetiza-los, como dar banho em todos da turma, ajuda-los a comer, incentiva-los a ter boas maneiras de higiene e comportamento, ficava sempre atenta a tudo que os envolvia. Ao contrario das crianças carentes que eu havia trabalhado no outro estágio, a crianças que estudavam nesta escola tinham uma condição financeira muito elevada pois seus pais faziam parte da elite econômica. Eu me sentia triste quando eu conseguia comparar as duas escolas e os dois perfis de crianças porque isso me mostrava o quanto vivemos em um mundo injusto e com tantas desigualdades sócias.

Outro estágio escolar que quero ressaltar, pois foi essencial para a realização desta minha pesquisa acadêmica, foi em uma escola pública de Taguatinga, do qual permaneci três meses observando o seu cotidiano e aplicando oficinas. Foi uma das melhores experiências da minha vida, pois cresci muito como pessoa e educadora.

Depois destas experiências de estágio passei a refletir e decidi que o meu trabalho seria na área da Educação, seja como professora ou em uma perspectiva transversal, seja em prol de pessoas mais desfavorecidas da sociedade, de crianças mais carentes ou de adultos não alfabetizados, levando-os ao conhecimento, tirando-os da ignorância, abrindo os seus olhos para o mundo e para vida, dando-lhes uma nova perspectiva de futuro, levando-os a entender o funcionamento do sistema, instigando-os a refletir e a criticar. Não quero que seja apenas um discurso idealista, pois sei que com dedicação e paixão por aquilo que se faz é possível promover ações transformadoras.

Quando chegou a hora de me preparar para escrever a minha monografia, eu já estava certa de qual seria a minha abordagem: o Bullying. Pois foi algo que vivenciei durante minha vida escolar. Durante o curso de Pedagogia, eu consegui ligar o assunto com a temática de várias disciplinas que fiz no decorrer do curso, através de diferentes perspectivas e pontos de vistas. Quando eu quis abordar sobre o Bullying pensei numa perspectiva mais sociológica do que psicológica, pois considero ser óbvio os impactos negativos do Bullying em individuo. Minha ideia era aliar os princípios da Economia Solidaria no combate e prevenção do Bullying na escola, mais especificadamente no Ensino Fundamental onde as ocorrências deste tipo de violência são mais visíveis. Partindo desta premissa, quero mostrar que o conhecimento adquirido durante o curso de Pedagogia, não somente em disciplinas

específicas que tratavam sobre o assunto, mas de forma interdisciplinar, me ajudou na construção de intelecto e valores.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa de caráter exploratório. O universo pesquisado foi uma escola de ensino fundamental I e II, localizada em Taguatinga - DF. Os métodos utilizados para a realização desta pesquisa foram: Análise do Projeto Político Pedagógico; Observação; Entrevista com o vice-diretor; Questionário aplicado com os funcionários, quanto às ocorrências de práticas violentas na escola; Aplicação de 10 práticas pedagógicas.

Estes métodos foram aplicados em uma escola pública de Ensino Fundamental I e II de Taguatinga – DF durante 3 meses de estágio.



## **PARTE II**

### **A CONTRIBUIÇÃO DOS VALORES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA EVITAR O BULLYING ESCOLAR.**

## **CAPÍTULO 1: REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE ECONOMIA SOLIDÁRIA, EDUCAÇÃO E BULLYING ESCOLAR**

### **1.1 : Economia Solidária e Educação**

Alguns estudiosos do campo\* pensam a Economia Solidária como um modo de produção que se contrapõe ao capitalismo. É importante compreender que o sistema econômico capitalista visa o acúmulo e a concentração dos meios de produção sociais em poucas mãos. Instiga-se a competitividade de mercado, gastando minimamente para lucrar mais, fazendo com que os empregados trabalhem de forma explorada para maximizar os lucros do proprietário da empresa. Há uma dominação de hierarquias de poder entre o empregador e o empregado, classificando assim vencedores e perdedores os que concentram respectivamente mais e menos capital, desconsiderando os efeitos sociais e morais que isso gera.

Em meio a isto, este sistema econômico tem gerado muitas disparidades sociais, pois uma grande maioria compõe a massa alienada e explorada com poucos recursos, enquanto que, grande parte dos lucros e capitais concentra-se em poucas mãos, como as do empregador.

Em contraponto, na Economia solidária há uma proposta de cooperação e de solidariedade para que todos tenham uma posição igualitária dentro do modo de produção. O foco está pautado na valorização do ser humano – e não no capital – voltando-se para o bem comum de todos.

Segundo Paul Singer (KRUPPA, 2005), a Economia Solidária acontece quando os trabalhadores se associam, de forma igualitária, em geral para aproveitar as vantagens pecuniárias de compras e vendas em comum, sem renunciar à autonomia de produtores individuais ou familiares. Essa relação cooperativista entre os trabalhadores que se antepõe a competitividade capitalista, impede que haja uma classe mais favorecida que receba lucros sem que tenha participado do trabalho realizado.

As relações sociais de produção, no interior da Economia Solidária, pautam-se pela prática da democracia na tomada de decisões. Cada trabalhador é responsável pelo que ocorre com a empresa, participando plenamente tanto dos lucros quanto dos prejuízos.

\*Paul Singer, Rogério Roque Amaro, Sonia Kruppa (...)

Para o bom funcionamento desse modo de produção, a união entre os trabalhadores é essencial, pois não há disputas, hierarquias, supervisão, vigilância ou meios para disciplinar os trabalhadores. A disciplina não deve ser um problema, pois todos devem ter interesse no sucesso. E se algum trabalhador se mostrar relapso nas atividades pode haver uma reação coletiva. Cada trabalhador é responsável por si, e também pelos demais. Isso faz com que aumente muito o conhecimento mútuo dos sócios e a importância de seu inter-relacionamento afetivo.

A prática da Economia Solidária exige relações de reciprocidade e coletividade, além de princípios como cooperação, solidariedade, autogestão, respeito, e um comportamento social voltado para a harmonia e o bem comum, visando a qualidade de vida e assim a valorização do ser humano. Antepondo-se às práticas capitalistas que visam essencialmente à competitividade para a obtenção de lucro com princípios individualistas. Paul Singer reflete que:

“A Economia Solidária é a prática da solidariedade no campo econômico.”  
(SINGER, in KRUPPA 2005)

Isto evidencia a importância da colaboração e da interação entre os trabalhadores, pois isso faz com que se produza mais com menos esforço e trabalho, já que há cooperação igualitária nas rotinas trabalhistas. Sua lógica visa a geração de trabalho e a igualdade de distribuição de renda, sem discriminar e excluir, independente de gênero, raça e idade. Além de que, visa-se o desenvolvimento sustentável e a proteção de ecossistemas contrariando a lógica capitalista de exploração dos recursos naturais.

A lógica capitalista mostra-se muito excludente. Pois amparada pela competitividade, exclui-se ou desprezam-se de seu “mercado de trabalho” grupos considerados desfavorecidos, sejam fisicamente, socialmente ou culturalmente, como mulheres, negros, pessoas com idades mais avançadas, sem experiência ou com pouco nível de conhecimento. É comum que esses grupos sociais ocupem cargos que tendem a ser mais explorados ou alienados, sem muitas perspectivas e sem valorização. A isto é atribuído todo um conjunto histórico-social-cultural, que reflete-se em muitas esferas sociais, até mesmo na educação.

Para que a Economia Solidária aconteça de forma plena, é preciso que haja uma reeducação coletiva, com novos valores desconsiderando a competitividade, que atua de forma intrínseca na própria educação. Pois desde muito jovens, até mesmo pela educação escolar mercantilista, as pessoas são condicionadas a agirem e a viverem de tal forma voltada para os interesses capitalistas, sempre de forma individualista.

Singer (2005), reforça que a reeducação coletiva representa um desafio pedagógico, pois se trata de passar a cada membro do grupo outra visão de como a economia de mercado pode funcionar e do relacionamento cooperativo entre sócios, para que a Economia Solidária dê os resultados almejados. Não só no meio de trabalho, mais em diversos meios de interação social. Trata-se de grande variedade de práticas de ajuda mútua e de tomadas coletivas de decisão, cuja vivência é indispensável para que os agentes possam aprender o que deles espera-se e o que devem esperar dos outros.

Essa reeducação é um grande desafio, pois é de extrema importância que haja harmonia nas formas de pensar e agir quanto a essa nova visão de economia. É tendencioso excluir aqueles que se contrapõem à maioria, por isso que se atribui a importância de práticas pedagógicas que reforcem os valores da Economia Solidária para que assim sejam internalizados no indivíduo, muito mais pela prática do que pela teoria. E as suas vivências embasadas nestes valores possam ser um reflexo desta reeducação.

A Economia Solidária é produzida tanto por convicção intelectual como por afeto pelo próximo, com o qual se coopera. Em meio ao turbulento sistema capitalista e a suas práticas e valores, as pessoas tendem a serem mais competitivas e por consequência e estratégia, tornaram-se mais excludentes para o seu próprio favor, com o intuito de eliminar quem é julgado mais desfavorecido ou fraco. Competir significa agir para impor perdas aos 'outros' e para evitar que os "outros" façam isso conosco. A inspiração aqui vem da Origem das espécies, de Darwin, segundo a qual só sobrevivem os mais aptos.

Trata-se de uma construção de uma nova sociedade com uma nova proposta de pensar e agir fundamentada e voltada para a socialização, solidariedade, respeito mútuo, cooperação e aperfeiçoamento do ser. Valores que regem a Economia Solidária, mais que existiam antes da mesma e existem dentro ou fora dela. Pois as relações sociais e econômicas no capitalismo são fortemente marcadas por desigualdades sociais, intolerância a diferença, incompreensão e desvalorização do ser. Paul Singer reflete que:

“Os que se formam em um meio em que prevalece a Economia Solidária vivem desde cedo situações por comportamentos recíprocos de ajuda mútua e que a desigualdade é ruim e injusta, a mesma só pode ser abolida pela prática da solidariedade entre os homens.”  
(SINGER, in KRUPPA 2005, p.17)

É importante que se reflita a partir disto, a importância da solidariedade, da ajuda-mútua entre os homens, da cooperação, da compreensão e do respeito, deixando de lado o individualismo, pois dessa forma pode-se viver melhor sem tantas desigualdades e distinções,

sem classificações que colocam poucos como superiores e muitos como inferiores, causando tanta dor e frustração nas pessoas.

Para Camps (1994, p.12), a solidariedade consiste em “um sentimento de comunidade, de afeto para com o necessitado, de obrigações compartilhadas de necessidades comuns. Tudo levando à participação ativa no reconhecimento de ajuda ao outro”. Isto mostra que os valores disseminados pela Economia Solidária vão muito além da cooperação, solidariedade e reciprocidade. Envolvem também afetividade, compaixão e amor.

De acordo com Bierhoff e Küpper (1999), antes de ser uma prática ou uma atividade, a solidariedade é um sentimento que determina o modo de ser da realidade humana e social, a perspectiva e o horizonte. No interior da ação solidária existe um sentimento fundamental que poderíamos caracterizar como sentir-se afetado, como uma reação ante o sofrimento das vítimas.

Quando se coloca a realidade escolar em foco, é possível enxergar como as relações estão cada vez mais afetadas pelo individualismo, pela incompreensão, pela violência, pela competitividade e pelo desrespeito. A própria escola acaba por receber influências do sistema capitalista criando relações baseadas em classificações entre melhores e piores, produtivos e improdutivos, superiores e inferiores. Até mesmo pelas metodologias tradicionais, que de forma conteudista foca-se apenas na submissão do estudante para a execução de tarefas, preparando as pessoas para o mercado de trabalho, sem que as mesmas questionem ou possam refletir sobre.

Já a metodologia da Economia Solidária aplicada em sala de aula é baseada na troca de conhecimentos e valores entre o professor e os alunos, de forma que todos possam compartilhar vivências dando espaço à socialização e ao diálogo, favorecendo uma nova forma de aprendizagem. Nesta metodologia, o foco é o educando enquanto ser em construção, com identidade própria construída socialmente respeitando suas individualidades. Guiando-se pela humanização com uma educação de valores, é possível que haja maior harmonia e respeito nas relações sociais. Como afirma Kruppa, a Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo desta prática. A única maneira de aprender a construir a Economia Solidária é praticando-a. Mas, seus valores fundamentais precedem sua prática.

Segundo Tardeli (2006), a fonte principal da educação em valores é a oportunidade de vivenciar espaços de inter-relação, e o mais importante: a oportunidade de encontrar ambiente necessário de respeito e de estimulação que favoreça o permanente processo individual de experiência – reflexão decisão – ações indispensáveis para assegurar que crianças e

adolescentes construam valores que orientem suas vidas. Por isso a importância de unir os princípios e a lógica de cooperação da Economia Solidária no ambiente escolar, pois isso favorece o desenvolvimento moral, crítico e intelectual de todos. Um ambiente em harmonia e com respeito-mútuo entre as partes, funcionando à luz da cooperação, torna-se mais estimulante e propício para o processo de ensino-aprendizagem. É interessante pensar esta educação “como um grupo de normas que leva cada um a se situar numa perspectiva de conjunto e a transformar por isso mesmo seu egocentrismo em objetividade” (Piaget, 1998, p.76-77), levando o homem a se desvincular do individualismo. Isso pode acontecer através de práticas associativas como: autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação, autossustentação, desenvolvimento humano e responsabilidade social. Fatores indispensáveis a serem trabalhados dentro da escola na construção de uma educação com valor que vise o bem-estar em amplitude.

As práticas educativas voltadas para a Economia solidária sugere o exercício da democracia. Pois assim todos os indivíduos podem trocar e dividir saberes, tornando-os mais autônomos e contribuindo com a auto-estima de cada um. A incorporação dessa prática nos processos educativos faz com desenvolva-se melhor a afetividade e a sensibilidade através da socialização e da construção do ser humano. Isto vem a somar em favor da emancipação humana, e para que isso ocorra é importante que haja uma ação dialógica problematizadora e que assim garanta a relação de horizontalidade das relações socioeducativas. Como reflexo disto, é possível suscitar o respeito mutuo entre as pessoas e os seus pensamentos, reduzindo assim a violência, a discriminação e toda e qualquer prática que venha a ferir o homem moralmente ou fisicamente. Promovendo ambientes de cooperação e harmonia.

Com isso, é importante que seja destacada a autogestão, entendendo os seus princípios e como que a mesma contribui positivamente dentro e fora do âmbito escolar, pois a mesma promove a tomada de decisão de forma coletiva, dando voz a cada individuo e as suas expressões, dando um novo sentido na forma de viver em sociedade.

Na escola é possível executar as práticas autogestionadas desde que os atores renunciem as posições hierárquicas de mandantes para que se sobressaia a cooperação, com os indivíduos sendo valorizados independentes de suas funções. Essa descentralização de poder pode trazer a união, o respeito, a solidariedade e a harmonia para o ambiente escolar, princípios essenciais no combate a violência e práticas discriminatórias como as de intolerância às diferenças.

Essa prática pode acarretar transformações na conduta social dos estudantes, trazendo equilíbrio emocional, maior socialização e conseqüentemente tornando-os indivíduos mais

solidários e respeitosos, promovendo um ambiente harmonioso e de união e respeito dentro da sala de aula. Isso se torna extremamente necessário para que se combata e saiba se lidar com a violência escolar e fenômenos como Bullying, que é um tipo de violência escolar no que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder (CAMARGO, 2011). Isso traz enormes consequências negativas em perspectivas psicológica e sociológica na vida do indivíduo, acarretando para o mesmo, diversos traumas, problemas e desestímulos.

Essa lógica capitalista dentro da escola que evidencia relações desiguais de força e poder e que categoriza posições hierárquicas e competitivas de superiores e inferiores em vários níveis e âmbitos sociais, torna-se um perigoso estímulo nas práticas e violências dentro da escola, pois cada indivíduo buscar se sobressair sobre o outro. Este fenômeno categoriza alguns como vítimas e outros como agressores, e muita das vezes o indivíduo executa os dois papéis, de vítima-agressora. Em uma perspectiva social, traz consequências negativas nas vivências de cada sujeito, que podem afetar suas interações sociais com as pessoas e com o meio.

Quando se alia práticas baseadas na Economia Solidária em conjunto com os princípios que a norteia, é possível que haja uma conscientização por parte das pessoas visando aliar as suas ações com estes princípios em favor de uma melhor socialização, qualidade de vida e bem estar social. É possível que a escola una todo esse conjunto de práticas de ações reflexivas em prol do combate ao fenômeno Bullying na escola e em geral a violência escolar.

Desta forma, no capítulo seguinte serão apresentados reflexões conceptuais sobre o termo Bullying e suas consequências na âmbito escolar, além da contribuição dos princípios da Economia Solidária na construção de uma educação valorada que vise erradicar as práticas de violência dentro e consequentemente fora da escola.

## **1.2: O Bullying escolar em uma perspectiva sociológica.**

A escola tem o papel fundamental como um espaço social de construção intelectual, moral e de ética nos indivíduos, seja pelas vivências, como propagadora de cultura e transmissão de saberes e pela socialização. Mas todo esse processo pode sofrer rupturas ao ser atingido por problemas e falhas ocasionados por fatores internos e/ou externos que impedem a contemplação do papel fundamental da escola. Um desses fatores é a violência escolar. A violência é um problema social que está presente nas ações dentro das escolas, e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo. A violência é uma transgressão da ordem e das regras da vida em sociedade. É o atentado direto, físico contra a pessoa cuja vida, saúde e integridade física ou liberdade individual correm perigo a partir da ação de outros. Violência pode ser também “uma reação consequente a um sentimento de ameaça ou de falência da capacidade psíquica em suportar o conjunto de pressões internas e externas a que está submetida” LEVISKY (1995).

É de fato preocupante que este fator esteja presente dentro dos muros da escola e seja externalizado por ações de crianças, adolescentes e até mesmo pelo corpo pedagógico da escola. A violência que as crianças e os adolescentes exercem, é antes de tudo, a que seu meio exerce sobre eles COLOMBIER(1989). A criança reflete na escola as frustrações do seu dia-a-dia. Por isso a importância de um ambiente harmonioso nos diversos meios sociais que subtraia competições, rivalidades, desigualdades e desavenças.

“A violência na escola pode se manifestar de várias formas, desde a violência praticada contra a estrutura física traduzida pela depredação do patrimônio escolar; a violência doméstica praticada por familiares ou pessoas ligadas diretamente ao convívio diário de crianças e adolescentes; a violência simbólica que é exercida pela sociedade quando esta não é capaz lhes oferece oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e de atividades de lazer; quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos; ou quando os professores se recusam a proporcionar explicações suficientes, abandonando os estudantes à sua própria sorte, desvalorizando-os com palavras e atitudes de desmerecimento”. (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p.335). Além de violências físicas que consiste em brigar, bater, matar, suicídio, estuprar, roubar, assaltar, tiroteio, espancar, pancadaria e entre outras formas destrutivas e desrespeitosas de se relacionar com outrem. Todas essas formas de violência escolar desfavorecem os processos de ensino-aprendizagem e trazem grandes prejuízos. As desigualdades sociais além das



influências de grupos de referências de valores e crenças são os grandes motivadores que levam crianças e jovens a cometer atos violentos.

O Bullying é classificado com um tipo de violência escolar, um fenômeno mundial. Fante (2005) observa que o bullying é uma palavra de origem inglesa derivada do termo bully que significa valentão. Essa palavra é adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão, é um termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, envolvendo situações como colocar apelidos pejorativos, ignorar, chantagear, excluir, provocar, isolar, fazer sofrer, humilhar, ameaçar, perseguir, difamar, discriminar, constranger entre muitas outras. Em estudos feitos para definir os tipos de maus-tratos sofridos pelas vítimas, foram encontradas agressões físicas, verbais, psicológicas, sexuais, morais, materiais e agressões virtuais.

Os estudos sobre o impacto negativo do Bullying na escola ganharam força e notoriedade a partir da década de 1970, com os estudos de Dan Olweus, professor da universidade da Noruega. Após perceber tendências suicidas entre adolescentes, o pesquisador descobriu que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, o bullying era um mal a combater. A partir da discussão de Fante (2005), podemos compreender que a agressividade e a violência são fatores que vêm se mostrando, nos dias atuais, fenômenos sociais complexos, pois, de certa forma, atinge a sociedade como um todo, diretamente e indiretamente, escolas e comunidades do mundo todo. Ainda seguindo o pensamento de Fante, as escolas não dispõem de recursos e meios para intervir nas influências dos fatores externos a ela, ocorrendo, assim, a violência escolar, o bullying, devido à falta de controle.

Portanto, entende-se que a escola tem, como um de seus papéis principais e dever, prevenir tal situação impedindo sua proliferação, entretanto, para que isso ocorra de forma adequada, a escola deve disponibilizar de educadores capacitados para intermediar, mediar e atuar na melhoria do ambiente escolar e das relações interpessoais.

A verdade é que pela dinâmica atual do contexto histórico, econômico, cultural e social as pessoas tendem a serem mais individualistas, narcisistas e competitivas, o que potencializa as agressões e a violência nas relações por busca de maior força e poder. As agressões e a violência vêm aumentando com uma velocidade surpreendente, afetando a toda uma sociedade, estado, país e o mundo. Tais fatos não estão só dentro da escola, já ultrapassaram os muros da mesma.

O Bullying começa a se manifestar muito cedo no comportamento de crianças e estendem-se a um nível indeterminado, pois em qualquer fase da vida as pessoas estão sujeitas a este fenômeno. Para maior esclarecimento da questão, Fante e Pedra (2008) reflete que:

“O comportamento bullying pode ser identificado em qualquer faixa etária e nível de escolaridade. Entre os três e quatro anos de idade podemos perceber o comportamento abusivo, manipulador, dominador e, por outro lado, passivo, submisso e indefeso. Porém, a maior incidência está entre os alunos do 6º ao 9º ano, período em que, progressivamente, os papéis dos protagonistas se definem com maior clareza.” (FANTE; PEDRA, 2008, 45-46).

São variados os ambientes em que as incidências de Bullying podem ocorrer. Na hora do intervalo é bastante comum ocorrer ações que caracterizem Bullying, por geralmente não haver adultos supervisionando ou intermediando. Mas às vezes pode ocorrer até mesmo dentro de sala de aula na presença do professor, ou até mesmo voltado contra ele. As ocorrências de Bullying que acontecem dentro da escola consequentemente ultrapassam os seus muros e passam a serem reconhecidos em outros meios sociais. Até mesmo no mundo virtual através da internet onde há uma crescente utilização de redes sociais, e-mails, blogs e entre outros onde há uma enorme facilidade de assumir anonimato, perfis falsos e apelidos para assim difamar outrem com facilidade. Reflete-se que “valendo-se do anonimato, os agressores virtuais inventam mentiras, espalham rumores, boatos depreciativos e insultos sobre outros estudantes” (SILVA, 2010, p.127). O que nos faz perceber que as atitudes são praticamente as mesmas realizadas diretamente.

O Bullying é categorizado em dois tipos: direto e indireto. São considerados bullying direto os apelidos pejorativos, agressões físicas (bater, chutar), ameaças, tomar pertences (roubo), ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar às vítimas, atos estes que são normalmente utilizados com frequência maior de envolvimento entre os meninos. Segundo Chalita 2008, o bullying direto é mais comum entre agressores meninos.

Já o bullying indireto compreende-se, como as atitudes de indiferença, difamação, isolamento, intimidação de outras pessoas que queiram se socializar com a vítima, provocando, assim, a exclusão da mesma em seu grupo social. Para Fante (2005), as meninas apresentam mais esse tipo de comportamento. Talvez seja o que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis.

Nas ocorrências do Bullying escolar, os participantes desta violência devem ser identificados. Identificá-los é fundamental, mas com o cuidado de não rotular os estudantes, evitando que sejam estigmatizados pela comunidade escolar, o que também seria uma

violência. É importante identificar o papel de cada indivíduo que participa desta violência, pois isso facilita analisar as situações e elaborar estratégias para o combate. Como explica Dan Olweus (SILVA, 2010, p.47), “pais e professores devem estar atentos a vários aspectos comportamentais das crianças e dos adolescentes, considerando os possíveis papéis que cada um deles pode desempenhar em uma situação de Bullying escolar.”

Os participantes do Bullying dividem-se em três grupos: agressor, vítima e espectador. A saber, que cada grupo é subdividido conforme cada perfil do indivíduo.

Os agressores, também chamados *bullies*, são aqueles que praticam atos de violência. Apresenta-se mais forte que seus companheiros de classe e que suas vítimas em particular, podendo ter a mesma idade ou ser mais velho. Geralmente são alunos populares, que precisam de plateia para agir. Reconhecidos como valentões, oprimem e ameaçam suas vítimas por motivos banais, apenas para impor autoridade. Sentem-se realizados e reconhecidos com o feito. O agressor pode ser de ambos os sexos e costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Possui em sua personalidade traços de desrespeito e maldade, é impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações, custa adaptar-se as normas e regras. O agressor pode agir sozinho ou em grupo. Os bullies humilham e intimidam suas vítimas. Como afirma Chalita 2008, a desmoralização excessiva somada ao desequilíbrio de poder são características essenciais que fazem das vítimas reféns do medo.

As vítimas ou alvos do Bullying são os indivíduos que sofrem os ataques, as intimidações e as humilhações. Normalmente, os alvos dessa ação são pessoas pouco sociáveis, inseguros, retraídos e de baixo auto-estima. As ações de Bullying contra esse indivíduo desencadeia uma série de danos internos, em seu psicológico, e que começa a se manifestar com o surgimento das consequências externas. Do baixo rendimento escolar à resistência para ir à escola, os efeitos pioram na medida em que a intensidade e regularidade das agressões vão evoluindo e se agravando. Em alguns casos, os sintomas começam a se misturar com um forte desejo de autodestruição, de momentos de explosão e de vingança. Há indivíduos que acabam dominados por extrema depressão que acabam cometendo o suicídio. Como se pode ver vários casos ocorridos no Brasil e em outros países, em que a vítima de Bullying comete o suicídio. Outros chegam a atos extremos, provocando outros tipos de tragédias pelo anseio de se vingar das humilhações vividas.

Segundo Fante (2005) e Silva (2010), existem vítimas que podem provocar e armar uma situação em que a mesma atrai reações agressivas contra si, porém não consegue reagir aos ataques. Silva (2010, p. 40) afirma que, “sem que percebam as vítimas provocadoras acabam dando tiro nos próprios pés” chamando a atenção dos agressores, estes por sua vez

aproveitam da situação”. De forma geral tentam brigar ou responder quando atacadas e insultadas. Normalmente tem como características a impulsividade, ser inquieta, dispersiva, em um modo geral imatura, e quase sempre é o responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra. Essas são denominadas a vítima provocadora.

Há também a vítima-agressora, que é aquela que reproduz os maus-tratos sofridos. Como forma de compensar seu sofrimento, a vítima procura outra vítima ainda mais frágil, praticando contra ela todas as agressões sofridas, tornando-se um círculo vicioso.

As ações violentas de Bullying, geralmente são assistidas por outras pessoas. Estes são denominados espectadores, que assiste à dinâmica violenta e aprendem a conviver ou a escapar dela. Geralmente, os espectadores omitem-se e não tomam nenhuma atitude em relação ao fato. Isso mostra como o valor da solidariedade encontra-se muita das vezes perdido dentro da escola.

A identificação de cada personagem que participa do Bullying se torna essencial para que se pense práticas de combate. Segundo Itani (1998), a diferença não é necessariamente uma prática negativa no processo educativo, já que as diferenças existem de fato e não podem ser negadas. O que se torna negativo são as práticas agressivas de Bullying, e os alunos afetados. A escola neste caso deve trabalhar o princípio da tolerância, pois segundo Itani, tolerar é admitir a liberdade de existência desse outro, desse outro ser diferente na maneira de agir, pensar, crer, enfim a liberdade de ser.

De acordo com pesquisadores como Fante (2005) e Silva (2010), as principais consequências são: baixa autoestima, dificuldades na aprendizagem, queda no rendimento escolar, evasão escolar, ansiedade e aflição. Isso acaba moldando pessoas que não conseguem lidar com situações adversas, que têm dificuldades de expressarem-se e relacionar-se com outras pessoas, sendo que as consequências mais graves são: agressividade, depressão, suicídio e homicídio.

Os indivíduos que participam de ações violentas do Bullying, mesmo que sejam espectadores, sofrem danos pois seus direitos são violados, acarretando prejuízos ao seu desenvolvimento sócio educacional.

Para Aquino, a escola já é por excelência, a instituição da alteridade, do estranhamento e da mestiçagem onde a função principal é formar cidadãos baseado no princípio da ética.

A ética não deve ser ensinada exclusivamente como matéria ou mesmo separadamente, mas sim, segundo o autor, ela deve estar em toda atitude do professor e da política pedagógica

da escola de uma forma transversal, intangível, indelével, aquilo que não se vê, mas não se esquece. Para que assim haja respeito entre todos.

Benevides avança na discussão do tema sobre diferença e preconceito quando mostra que somente a aceitação da diferença pelo princípio da tolerância não é suficiente para uma sociedade mais justa. Ela defende a solidariedade como virtude para o enfrentamento das diferenças injustas, ou seja, da desigualdade.

O cotidiano escolar é rico para se pensar também a forma como o preconceito se estrutura na sociedade de forma geral, já que é parte significativa e privilegiada daquilo que entendemos como nossa comunidade escolar, mas é também sem dúvida onde o preconceito pode ser combatido não só através de informação, mas também com a construção de valores como tolerância, ética, cidadania, cooperação, solidariedade, respeito, e um comportamento social voltado para a harmonia e o bem comum, visando a qualidade de vida e assim a valorização do ser humano. Princípios estes que conduzem a prática da Economia Solidária.

Segundo Silva, a escola é corresponsável nos casos de bullying, pois é nela que os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes. É ali que os alunos deveriam aprender a conviver em grupo, respeitar as diferenças, entender o verdadeiro sentido da tolerância em seus relacionamentos interpessoais, que os norteiam para uma vida ética e responsável. Infelizmente, a instituição escolar é o cenário principal dessa tragédia endêmica, que por omissão ou conivência, facilita a sua disseminação.

Apesar do grande impacto que o Bullying exerce no meio escolar, na mídia e em diversos meios sociais, não há ainda uma lei voltada para combater o bullying. Existe um m Projeto de Lei (n. 228/2010), que propõe que as ações de combate ao *bullying* sejam detalhadas na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). O projeto foi aprovado no Senado em 14 de junho de 2001, foi encaminhado para apreciação na Câmara dos Deputados.

É importante a citação da legislação brasileira, pois a lei é uma garantia do cidadão. Com isso, o inciso IX do artigo 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passará a ser:

IX – promover ambiente escolar seguro, adotando estratégias de prevenção e combate a práticas de intimidação e agressão recorrentes entre os integrantes da comunidade escolar, conhecidas como bullying.(BRASIL, 2010, p.01).

É preciso que a escola esteja atenta às suas práticas, para que a mesma promova um ambiente de socialização dos saberes, de harmonia e pleno convívio. Por isso a escola deve estar preparada para transmitir uma educação com valores pautados no respeito, na tolerância, na solidariedade, na cooperação e na qualidade de vida. Sendo estes valores, importantíssimos pilares de estratégias de combate à violência e ao Bullying escolar. Acreditando que os valores da Economia Solidária podem traduzir um espaço escolar educativo que possa colaborar para que o Bullying não aconteça.

A partir da convicção de que é possível viver em sociedade respeitando o outro, passo observar e a relatar minhas vivências no espaço escolar com esta temática.

## **CAPÍTULO 2: RELATO DE VIVÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR**

Estes relatos serão baseados na minha experiência de estágio na escola. Esta experiência foi influenciada e norteadas pelo o Projeto IV de Economia Solidária, da qual participei no ano de 2012. A proposta orientada no projeto foi a criação de 10 oficinas pedagógicas baseadas nos valores da Economia Solidária, para que pudessem ser aplicadas em sala de aula. E assim, efetuando as oficinas, perceber se estes valores potencializam a conscientização dos alunos, de forma a amenizar a violência dentro da escola.

As observações e experiências vivenciadas ocorreram em uma sala de aula de 5º ano do Ensino Fundamental, da rede pública de ensino do Distrito Federal, em um estágio com duração de aproximadamente 3 meses, onde fui orientada pela professora Dr. Sônia Marise Salles Carvalho.

Estas experiências tiveram como objetivo incorporar ao processo educativo de sala de aula, os valores da Economia Solidária, com intuito de influenciar positivamente o ambiente escolar no combate ao Bullying e suas práticas, construindo novas ações e valores significativos para que se alcance um ambiente escolar harmônico. A incorporação dos conceitos e valores da Economia Solidária foi estimulada através da socialização utilizando jogos, leituras, dinâmicas, conversas e brincadeiras com os alunos da turma.

### **2.1 Relato das observações na escola**

A escola em que realizei o estágio está localizada em Taguatinga Norte. A escola foi inaugurada em 1974 e atende o ensino fundamental I, do 1º ao 5º ano, e o ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano. Nos turnos da manhã e da tarde.

A escola já era de meu conhecimento. Pois eu já havia feito catequese nas suas dependências e alguns familiares estudaram na mesma. A partir do Projeto Político Pedagógico e das minhas vivências constatee uma boa infra-estrutura. A escola possui 10 salas, dentre as quais 4 destas são reservadas para alunos surdos. Além de contar com laboratório de informática, cantina, banheiro adaptado para deficientes físicos, sala de vídeo, quadra de esportes e biblioteca. Observei que todos estes ambientes estavam bem conservados, e segundo informações do vice-diretor, muitos pais e membros da comunidade participaram colaborando com as reformas e com o melhoramento do espaço escolar. A

escola possui cerca de 850 estudantes matriculados. Além de contar com 34 professores efetivos e 28 pessoas no apoio, dentre eles, professores de contrato temporário e funcionário terceirizados.

Logo no começo das observações, conversei com o vice-diretor da escola, pois o diretor nunca se encontrava no local. O vice-diretor me orientou quanto às propostas pedagógicas da escola previstas no projeto, e ressaltou a participação dos pais e de toda a comunidade nas atividades desenvolvidas e na construção do Projeto Político Pedagógico, documento do qual, só tive acesso uma única vez. Segundo o vice-diretor, o documento é uma constante construção para aprimoramento das atividades desenvolvidas no ambiente escolar.

A proposta volta-se à conscientização e a inclusão, primando pela a formação do cidadão e sempre levando em consideração a bagagem histórica, social e cultural da comunidade e dos alunos. Para que assim, as ações sejam significativas e atendam a expectativa e a demanda da realidade do aluno e da comunidade.

O Projeto Político Pedagógico da escola tem como base através do planejamento, desenvolver a criticidade, a conscientização, a reflexão, a criatividade e a curiosidade em seus estudantes. O objetivo é formar cidadãos plenos, críticos e capazes de intervir na sua realidade, para assim transforma-la. Comprometendo-se com o sociopolítico e com o coletivo.

Os projetos da escola refletem a intenção do plano. Durante a entrevista, o vice-diretor evidenciou quatro projetos. Um deles é o projeto **Veredas**, que existe desde 2008 e objetiva corrigir a diferença entre idade/série, e que pelo o empenho e dedicação dos professores, a maioria dos estudantes que participaram do projeto ingressaram no ensino médio. Outro projeto importante da escola é intitulado como **Ciência em foco**. Este projeto é o que mais atrai os estudantes, pois eles colocam em prática a teoria dos livros, desenvolvendo projetos e experiências. Há também o projeto **Leio e escrevo o meu futuro**, do qual os professores trabalham com temáticas específicas fazendo a leitura e a elaboração de textos relacionados ao que foi lido. Desenvolvendo assim, a leitura, a escrita e a interpretação.

O projeto que mais me interessou, pelo fato de ser o foco da minha pesquisa, é chamado **Cultura da Paz**, que trabalha todo o tipo de violência escolar com um tema a cada bimestre, com a intenção de erradicar a violência na escola. Os professores trabalham os temas apenas com a exposição do tema em algumas aulas. O que de fato surti pouco efeito, pois em minhas observações presenciei algumas ocorrências de violência, seja de uns para com os outros ou ao patrimônio da escola. De qualquer forma, percebe-se que a escola procura incentivar a aprendizagem dos estudantes a fim de torna-los cidadãos responsáveis e conscientes.



Na conversa com o vice-diretor coloquei a minha proposta de intervenção em sala de aula. Esclareci que o objetivo da minha intervenção seria reforçar os valores de cooperação, solidariedade, socialização, ética, amizade, tolerância, respeito e qualidade de vida, sendo estes, princípios da Economia Solidária. Isso se daria por meio da aplicação de oficinas que transmitissem estes valores na prática e consequentemente refletisse no cotidiano, buscando erradicar as ocorrências de violência escolar, especificamente o Bullying. Agregando o desenvolvimento de ações que interagem com a finalidade do projeto da escola contra a violência. Em meio a isso, não vi resistência do vice-diretor. Pelo contrário, obtive apoio no sentido de ele orientar-me sobre a escola, me passando informações importantes sobre o cotidiano escolar e seus atores envolvidos.

A escola situada em Taguatinga, porém, muitos estudantes são provenientes de regiões administrativas próximas, como Ceilândia e Samambaia. Lugares que têm um alto índice de violência. As maiorias das crianças convivem normal e diariamente com prática violentas, marginalidade e drogas. Isso se reflete dentro da escola, pois presenciei várias práticas de Bullying e vi explícito cada um de seus atores: os agressores, as vítimas, os espectadores e as vítimas-agressores. Isso mostrou que apesar de existir o projeto contra violência dentro da escola, o mesmo não surtia o efeito esperado. Talvez não por culpa da execução falha do projeto, mas por falta da interação da escola com a família e a comunidade, pois se exige um processo em que todos devem interagir e colaborar a favor.

A interação entre a equipe pedagógica da escola, que contava com o diretor, vice-diretor, coordenadores, professores e funcionários, era muito boa. Pois eles estavam sempre conversando e cooperando uns com os outros para que não houvesse sobrecarga de trabalho. Não consegui encontrar o diretor da escola por motivos de saúde, pois o mesmo estava de atestado médico, sendo assim o vice-diretor assumiu sua função. Pude perceber que todos colaboravam para o bem da escola visando a sua harmonia e boa aprendizagem dos alunos. Todos participavam das atividades educativas, desde a elaboração de projetos até mesmo a confecção de painéis que enfeitavam a escola. Essas ações cooperativas são de extrema importância, pois colaboram para a manutenção das relações sociais e assim obter sucesso na finalidade pedagógica.

Conversando com alguns professores, percebi a importância dos projetos na escola pela contribuição que os mesmos agregavam ao processo de ensino-aprendizagem. Os projetos são fortes instrumentos de socialização, interação e transmissão do conhecimento. Visando isso, apliquei um questionário com 10 perguntas ao corpo pedagógico da escola. O questionário era acerca dos projetos, da violência na escola, e de outras dificuldades

vivenciadas no cotidiano. Todos foram receptivos comigo e me apoiaram respondendo o questionário e ajudando na minha pesquisa.

O questionário serviu para melhor perceber as ocorrências de práticas violentas na escola e como a instituição intervia. Outro aspecto importante foi sobre impacto dos projetos na escola e sobre as tomadas de decisão.

No total, foram onze questionários aplicados e a maioria dos participantes eram professores do sexo feminino. Os participantes do questionário foram unânimes em afirmar que já presenciaram práticas violentas dentro da escola, desde agressões físicas e morais entre estudantes, entre os próprios professores, entre professores e pais de estudantes, entre professores e estudantes, entre funcionários e contra o patrimônio da escola por meio de depredações. Alguns afirmaram que apesar disso, a situação está bastante amena se comparada há anos anteriores.

Uma ocorrência de violência citada no questionário que me chamou atenção foi a violência simbólica por parte de professores para com alguns alunos, onde o professor anula ou simplesmente invalida a capacidade do aluno por pré-julgamento, desmotivando-o e desacreditando em sua evolução. Isto foi um aspecto importante, pois realmente isto ocorre. Quando me remeto a minha época de escola lembro-me de situações deste tipo.

Alguns participantes relataram que já intervieram nestas situações de violência, tentando encontrar um caminho através do diálogo e do incentivo ao respeito de uns para com os outros. Poucos participantes disseram que geralmente não intervém por achar que isso não solucione a situação, e que dificilmente isso irá mudar.

No questionário também foi citado o projeto da escola chamado **Cultura da Paz** como um bom aliado nestas questões de combate a violência na escola. Os participantes afirmaram que depois do projeto as incidências de práticas violentas diminuíram significativamente, mas que o projeto em si ainda encontra-se enfraquecido talvez por falta de tempo, capricho e engajamento da escola no projeto. Foi relatado também, que em ocorrência de práticas violentas na escola por parte de estudantes, a direção convoca os pais dos alunos envolvidos, para que a família esteja por dentro da situação e se envolva na resolução do problema. Mas que isto tem resultado a curto prazo, pois geralmente os alunos voltam a praticar estas ações. Eles colocaram que estas questões são sempre discutidas nas reuniões de pais.

Unanimemente, foi colocado que todo o corpo pedagógico participa das tomadas de decisão e que existe uma boa relação e articulação entre a maioria de seus membros.

Percebi então, que os valores devem ser trabalhados em sala de aula de forma constante e não de forma isolada em dinâmicas do projeto, de forma a internalizar práticas respeitadas e dessa forma naturalizar o bom convívio.

## 2.2 Relato sobre a sala de aula

A turma na qual desenvolvi as práticas pedagógicas, era do 5º ano, 4ª série, do ensino fundamental, e a maioria dos estudantes estavam na faixa etária dos 10 aos 11 anos de idade. Por vezes, presenciei práticas de Bullying de forma mais explícita do que nas séries anteriores, por isso escolhi essa turma e essa faixa etária. A turma era o 5º ano “B” e continha 28 alunos.

A intenção das minhas práticas pedagógicas seria trabalhar oficinas com os alunos, preferencialmente de forma lúdica, que reforçasse os valores solidários e cooperativos, desencadeando uma socialização mais harmônica e fazendo com que as práticas violentas dentro da escola fossem erradicadas. Pois como afirma Piaget (1954), os valores são construídos com base nas interações que o sujeito faz com a realidade.

Observando e conversando com alguns professores e estudantes, pude constatar que muitos pais eram ausentes e não acompanhavam o desempenho de seus filhos na escola, por terem uma intensa jornada de trabalho que exigia muito de seu tempo. O trabalho regulava as suas vidas. Muitos professores me afirmaram que os estudantes que tinham apoio e acompanhamento da família no processo de ensino, tinham um melhor rendimento escolar, e até mesmo, melhor comportamento. Eram mais aplicados e disciplinados. Como afirma Chalita: “A violência não é um fenômeno firmado apenas numa decisão individual. Invariavelmente, surge em decorrência de um contexto social favorável (ou desfavorável)”.

Durante as aulas percebi que a turma variava em um grupo de alunos disciplinados, calmos e aplicados. E outro grupo era de alunos agitados, indisciplinados e dispersos. Geralmente eram estes alunos que atrapalhavam as aulas e faziam chacota com colegas e até mesmo com os professores. Vi através destas chacotas, práticas de Bullying que causavam constrangimento. E alguns alunos faziam todos os atores desta prática: eram agressores, vítimas e espectadores. A professora mal sabia lidar com a situação e apenas pedia silêncio à turma.

Questionei então a professora sobre a articulação do projeto **Cultura da Paz** dentro de sala de aula, e ela me informou que o projeto era trabalhado com temas bimestrais, e que o atual tema era “A Paz gerando o amor”. Com esse tema, ela pediu que os alunos escrevessem

poesias relacionadas ao assunto e que houvesse um concurso com as melhores poesias em sala de aula. Porém, essa dinâmica acabou segregando a turma, pois estimulou a competição e a vontade de alguns quererem se sobressair sobre o outro. E segundo informações da professora, alguns alunos que não ganharam a competição, ficaram chateados.

Sugeri a aplicação das oficinas que eu havia preparado, expliquei o meu objetivo e a professora gostou bastante das ideias e ofereceu o seu apoio. Pois segundo ela, o Bullying era algo forte e presente dentro da sala de aula, um problema sério, e que em seus anos de docência já chegou a constatar evasão escolar por alunos que foram vítimas de Bullying.

Durante as minhas observações, procurei conversar e conviver com os alunos. Nos horário de intervalo eu interagia com eles, desde os mais aplicados até os mais indisciplinados. Para que assim eu pudesse conhecer melhor sua bagagem histórica, social e cultura. E dessa forma, intervir conforme sua realidade.

Com o passar dos dias, criei um esquema de disposição dos alunos na sala de aula. Pois percebi que os alunos aplicados sentavam próximos aos alunos do mesmo perfil e os alunos indisciplinados interagiam mais com os alunos mal aplicados. Então, sugeri a mudança das posições das carteiras e dos alunos, coloquei alguns alunos indisciplinados próximos aos alunos mais aplicados. Em alguns momentos segui as orientações dos próprios estudantes pra que se sentissem mais autônomos e participativos. Em nenhum momento procurei impor. No começo, houve resistência por parte dos alunos, mas em meio a conversas no qual expliquei o motivo da ação, eles compreenderam que seria para o bem coletivo. E o resultado foi significativamente positivo, no sentido de que o cotidiano da sala de aula fluía melhor e os alunos mais aplicados influenciavam positivamente os alunos indisciplinados. Incentivei que ajudassem uns aos outros, e de fato isto ocorreu. Estas ações de cooperação contribuíram para a aprendizagem dos alunos e consequentemente melhorou o rendimento da turma. Vivências cooperativas são importantes para o processo de construção da consciência participativa. Como afirma Gadotti: “A educação para a cidadania dá-se na participação no processo de tomada de decisão.” (GADOTTI 1997,49).

Esta nova disposição da turma surtiu efeitos muito bons. Percebi que as chacotas diminuíram, pois a segregação de grupos havia sido desfeita e a turma ficou mais homogênea, o que contribuiu para uma melhor socialização e interação entre todos. A turma era fácil de lidar, e com esta reorganização da sala o ambiente se tornou ainda mais tranquilo.

Durante a minha experiência percebi a importância de se trabalhar os princípios da Economia Solidária, visando agregar e naturalizar valores à conduta dos alunos fazendo com

que isto se reflita em suas vivências tornando-as harmônicas, respeitosas, cooperativas e solidárias, conseqüentemente erradicando as práticas de Bullying em sala de aula.

Refletindo esta realidade elaborei oficinas pedagógicas para trabalhar estas questões. Procurei desenvolver as oficinas da forma mais lúdica e dinâmica possível para não desprender a atenção dos alunos e despertar os seus interesses, de modo que cada oficina tivesse um objetivo específico e trabalhasse valores diferentes, sempre havendo rotatividade na participação dos alunos para que todos pudessem vivenciar estes momentos de socialização e cooperação.

### **CAPÍTULO 3: DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS**

Neste capítulo irei descrever cada oficina pedagógica aplicada e seus objetivos, mostrando a importância de cada uma delas no intuito de evitar e erradicar as práticas de Bullying. Favorecendo um ambiente escolar mais harmônico, respeitoso e solidário.

#### **3.1 Descrição das oficinas pedagógicas**

As oficinas pedagógicas aplicadas tinham como objetivo serem instrumentos de transformação que incentivassem a aprendizagem e a conscientização, e principalmente reforçassem atitudes respeitadas, cooperativas e solidárias nos alunos. Trabalhar com valores em de sala de aula é uma alternativa viável para que os alunos internalizem valores e evitem as práticas de Bullying.

No total, foram 10 oficinas aplicadas com o auxílio da professora regente. A cada dia eram propostos temas que embasavam estas oficinas, que ocupavam a segunda parte da aula, após o intervalo. Os temas das oficinas pedagógicas propostas foram estes:

##### **1ª Oficina – Tema: Violência na escola**

Para começar a execução desta oficina pedi para que os alunos se organizassem em uma grande roda, para que assim houvesse uma maior interação e socialização, de modo que todos pudessem se ver. Comecei questionando os alunos sobre o que eles achavam sobre a violência na escola e como regra pedi para que falassem um de cada vez.

Foram dados vários exemplos de violência de uns para com os outros, principalmente de violência física como: bater, empurrar e derrubar o colega. E todos eram unânimes em saber que a violência era algo prejudicial. Então comecei a falar sobre a violência na escola e seus diversos tipos, mostrando que a violência escolar não consistia apenas em ofensas e agressões físicas entre os alunos, mas que poderia haver violência e desrespeito contra o professor e até mesmo contra o patrimônio escolar. Muitos alunos ficaram surpresos e mexidos com estas questões, pois muitos não sabiam que o simples fato de se rabiscar uma carteira, era um tipo de violência. Percebi que muitos ficaram pensativos e isso era o início da conscientização.

Alguns alunos queriam acusar outros colegas de atos de violência na escola, mas intervi, explicando que o simples fato de acusar um colega e causar constrangimento no mesmo, já era uma forma de violência. Então combinamos de não acusarmos uns aos outros. Eu e a turma conversamos abertamente sobre o assunto.

Após este momento de reflexão incentivei a turma a se dividirem em grupos e criarem o **Quadro do Certo e do Errado**. O **Quadro do Certo e do Errado** consistia em separar atitudes boas de atitudes ruins, a fim de incentivar o respeito e a harmonia na escola. Cada grupo criou um quadro e depois disso, juntamos as respostas e criamos um quadro com a resposta de todos. Isto incentivou a cooperação. Este quadro foi colocado no painel da sala de aula.

CERTO	ERRADO
Respeitar a todos	Agredir o colega
Conservar a escola	Depredar a escola
Não atrapalhar a aula	Atrapalhar a aula
Ser amigo	Mentir
Ajudar	Ofender as pessoas

Percebi que com o decorrer dos dias, o quadro foi muito utilizado pois a professora e os próprios alunos se remetiam a ele para exemplificar e regular o que era apropriado ou não a se fazer. Evitar a violência é em si, um princípio da Economia Solidária.

## 2ª Oficina – Tema: Bullying escolar

Seguindo a linha de raciocínio da oficina anterior organizei um **teatro de fantoches**. Os bonecos foram manuseados por mim e a partir de suas falas, eu ia explicando o que era o Bullying. O **teatro de fantoches** manteve a atenção da turma e todos entenderam a mensagem. Percebi que a maioria dos alunos já vivenciou alguma situação de Bullying, seja como vítima, agressor, espectador ou vítima-agressor, pois muitos relataram algumas experiências.

A partir disso, com intuito de incentivar atitudes contrárias ao Bullying, criamos o **Dado da Paz**. Para confeccionar o **Dado da Paz** utilizei uma caixa de tamanho médio. As faces do dado foram pintadas pela turma que foi dividida em 6 grupos, cada grupo com uma face para colorir. Depois que as faces do dado estavam coloridas, elas foram coladas na caixa

para dar início a dinâmica que consistia em: os alunos sentavam em roda e um aluno jogava a caixa. Todos faziam com o colega ao lado o que fora pedido pela face do dado. As faces do dado consistiam em: Abraça o colega; Diga três qualidades; Faça o colega sorrir; Diga algo bonito; Deseje algo bom ao colega; Peça desculpas.

Esta dinâmica foi ótima e promoveu uma total interação entre a turma. Além da cooperação na confecção do dado. Todos se divertiram e entenderam a mensagem. A dinâmica incitou um ambiente harmônico e calmo na sala. Minha intervenção foi para que não houvesse desorganização da dinâmica e da turma.

### **3ª Oficina – Tema: Cooperação**

Antes de executar a oficina, fiz questão de explicar aos alunos com uma linguagem adequada a sua faixa etária, o conceito de Cooperação e a importância de se trabalhar em equipe para alcançar uma meta. Dessa forma, busquei reforçar a importância de não sermos egoístas e a sempre pensar no bem comum, ajudando e colaborando com o próximo. Fiz isso através de imagens que traduziam cooperação, com pessoas trabalhando juntas e crianças de mãos dadas, que remetia o sentimento de união.

Após este momento de reflexão dividi a turma em duas equipes e apliquei atividades de **“Caça-Palavras”** e **“Complete a frase”**. Estas atividades potencializavam o trabalho em equipe, a cooperação e a interação dos grupos. As palavras utilizadas nas atividades remetiam-se ao tema da cooperação, como: cuidar, ajudar, participar, defender, proteger e respeitar.

Esta atividade fluiu bem e alcançou o seu objetivo, pois presenciei a interação e a cooperação dos membros dos grupos a fim de resolver e finalizar as atividades.

### **4ª Oficina - Tema: Cooperação**

Com o intuito de reforçar a cooperação, a fim de que os estudantes internalizassem suas práticas, trabalhei pela segunda vez com o tema, porém, desta vez utilizando jogos. Dividi a turma em grupos com 4 participantes e apliquei o **Jogo da Memória**. O jogo da memória consiste em colocar as cartas do jogo viradas para baixo e escolhe-las aleatoriamente para formar pares de cartas iguais. As cartas do jogo que elaborei continham imagens com



situações de união e palavras de ações cooperativas, como “ajudar” e “participar”. Os participantes deveriam prestar atenção nos movimentos dos outros, respeitando a ordem das jogadas. Cada criança tinha o direito de pedir ajuda aos colegas para se lembrar onde estavam as cartas iguais.

Outro jogo que apliquei neste dia também foi o **Dominó**. Ao invés de conter números em suas peças, o dominó que apliquei continha pequenas e fáceis operações de somar e subtrair. E como regra, todos poderiam ajudar o colega na execução do cálculo e na colocação das peças do dominó. Este jogo incentivou a cooperação e ao mesmo tempo a aprendizagem na matemática.

Através da aplicação destes jogos, pude perceber que a turma ficou bastante envolvida, e que trabalhar de forma lúdica é uma grande estratégia para reforçar valores. Algumas vezes precisei intervir, pois alguns alunos queriam se sobressair sobre os outros, demonstrando competitividade. Através do diálogo consegui amenizar a situação, reforçando que o objetivo do jogo não era ganhar ou perder, e sim ajudar e cooperar.

### 5ª Oficina - Solidariedade

Para trabalhar o valor da solidariedade, inicialmente expliquei o seu conceito para turma. Defendi a importância de pensarmos no próximo, buscando colocarmo-nos no lugar do outro. Destaquei que cultivar a solidariedade na relação com os colegas favorece a harmonia na sala de aula e na escola.

Após o momento de reflexão pedi para que fizessem uma grande roda. Para trabalhar este valor, escolhi **Contar uma história**. A história escolhida foi “O rato e a ratoeira”, cuja mensagem transmitia a ideia de que ajudar ao próximo, é ajudar a si mesmo, e assim contribuir para o bem comum. Depois de contar a história, fiz algumas indagações para reflexão.

Propus então que os alunos se organizassem e fizesse uma **Peça Teatral** para contar esta mesma história. As crianças ficaram muito empolgadas. Eu e a professora auxiliamos e mediamos todo o processo. Com o apoio da coordenação da escola e de outra professora, apresentamos a peça teatral no pátio da escola para alunos de outra turma. Esta atividade procurou instigar a participação, a cooperação e solidariedade nas crianças.

### 6ª Oficina - Tema: Solidariedade

Visando reforçar o valor da Solidariedade, trabalhei com um livro infantil com uma história interessante para frisar o tema, chama-se: “Sofia: a fada da solidariedade”. O livro conta a história de uma fada que ensina os animais da floresta a dividirem, compartilharem e a tornarem-se solidários.

Depois de contar a história fizemos um grande círculo e a atividade proposta foi a **confeção de massa de modelar**. Os ingredientes consistiam em: farinha de trigo, água, sal e tinta guache. Durante a atividade, cada aluno contribuía colocando um pouco de cada ingrediente no recipiente e amassando a mistura, para incentivar o trabalho em equipe. Depois que a massa estava pronta, pedi que a dividissem de forma igualitária para cada um.

Neste momento precisei intervir, pois alguns alunos queriam pedaços maiores do que o de seus colegas. Vendo isso, propus uma reflexão para reforçar o valor da solidariedade e através do diálogo foi possível alcançar a divisão igualitária da massa de modelar.

### 7ª Oficina – Tema: Respeito

Para trabalhar a questão do respeito, a atividade proposta foi **assistir a um vídeo**. Com o apoio da professora e da coordenação, levei as crianças para a sala de vídeo, que favoravelmente não estava reservada a outra turma no dia. O vídeo escolhido foi “Fala Menino!”, que é uma animação dirigida por um artista baiano. Os dois conceitos principais que sustentam todas as histórias desta animação, são o respeito à criança e o respeito às diferenças. Este tema sustenta o debate sobre a discriminação e o preconceito.

O vídeo era curto e possibilitou voltarmos à sala de aula para debater a animação. Foi colocado em debate a questão de respeitarmos uns aos outros, aos pais, professores, colegas e desconhecidos.

No quadro negro, desenhei uma tabela dividida em duas partes. Em uma parte titulei “Atitudes respeitadas” e na outra parte titulei “Atitudes não respeitadas”. E assim, eu ia completando o quadro com sugestões das próprias crianças. Frisei a importância de não discriminar o outro e sempre respeitar como cada um é.

## 8ª Oficina - Tolerância

Nesta oficina busquei trazer o conceito de tolerância para as crianças. Não no sentido de simplesmente suportar e se submeter a conviver com alguém forçadamente. Mas no sentido de ser paciente e compreensivo para assim desfazer tensões divisórias criadas pela ignorância de discriminar o outro. A intolerância é a ruptura das relações harmoniosas, justas e fundadas no diálogo e no respeito ao outro.

Visando isso trabalhei com os alunos através da **mostra de imagens** de pessoas diferentes, com diferentes características e particularidades. À medida que as imagens eram passadas, eu destacava alguma curiosidade ou informação sobre etnia, cultura e característica.

Um fato que me chamou atenção foi o momento em que mostrei a imagem de uma mulher angolana negra. Ao observar a imagem, um menino apontou para a imagem e riu dizendo que a mulher era feia. E a maioria das outras crianças também riu. Neste momento conversei com toda a turma em prol da desconstrução desta ideia, refletindo a questão da diversidade e do respeito para com todos.

Depois do momento de reflexão, pedi para fizessem um **desenho**. A proposta era que desenhassem pessoas com características físicas diferentes e de mãos dadas, reforçando o sentido de união.

## 9ª Oficina – Tema: Amizade

Para reforçar a importância da amizade e de sentimentos afetivos como o amor e o cuidado para com o próximo, iniciei a oficina falando sobre amizade. Sentamos em roda e juntos conversamos sobre o valor de se ter amigos e que a escola era um ambiente propício ao cultivo da amizade.

Citei então, atitudes que preservam boas amizades, como: resolver conflitos pacificamente, pelo diálogo; buscar a paz através da paz; evitar a violência e suas práticas.

Em seguida fiz com os alunos um **“Amigo Secreto”**. Esta dinâmica consiste em ter o nome de cada criança da sala em um pedaço de papel fechado. Cada criança escolhe de forma aleatória um papel com o nome de um colega da classe. Sorteados os nomes, pedi para que todas as crianças fizessem um belo cartão de amizade para o colega que tirou. Poderia desenhar ou escrever uma frase bonita. No final da aula, fizemos a revelação do amigo secreto e a troca dos cartões.

As crianças gostaram muito da dinâmica e percebi que todos ficaram felizes por participar, apesar de algumas crianças terem revelado o seu amigo secreto para outros colegas antes da hora.

### **10ª Oficina – Tema: Paz**

Como de costume, inicialmente conversei com os alunos sobre a Paz em diversos aspectos. Mostrando simbologias e atitudes que traduzem a paz.

Para trabalhar este tema, coloquei **situações-problema** em tirinhas. Dividi a turma em quatro grupos e cada grupo recebia um problema no qual teriam de encontrar uma forma harmoniosa e não violenta para solucionar a situação. As situações colocadas eram vistas no cotidiano da escola e com isso, o objetivo era mostrar às crianças que elas têm um papel importante na promoção da paz. Mostrar que suas ações têm consequências e que devemos ter um papel ativo, de forma a intervir no meio e transforma-lo. Assim, podendo melhorar o ambiente de sala de aula e a própria escola em si.

Como regra da atividade, coloquei que cada criança do grupo deveria apresentar uma ideia para a solução do problema, para que todos tivessem voz ativa, levando em consideração os valores trabalhados nas aulas anteriores. Presenciei divergências de opiniões e frisei a importância de respeitar a posição do outro. Vi esta questão como um aspecto positivo, pois as crianças de fato respeitavam as opiniões do outros e tentavam entrar em um consenso. No final da atividade, as soluções dos problemas colocados pelos grupos eram viáveis e contemplavam os valores trabalhados durante as aulas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as oficinas pedagógicas pude perceber que ao se trabalhar com fundamentos éticos e morais constantemente em sala de aula é possível alcançar a conscientização das crianças em ter atitudes mais solidárias, respeitosas, tolerantes, amigáveis e cooperativas. E com isso, é possível que as práticas de Bullying e outras formas de violência sejam evitadas e erradicadas dentro da escola.

O cultivo de valores é essencial para que a criança possa se perceber no mundo sem egocentrismo, e passe a enxergar o próximo com respeito e solidariedade. Os valores, que estão interligados, reforçam e mantêm os vínculos sociais. O convívio respeitoso na escola é a melhor experiência moral que o aluno pode viver para se tornar um cidadão e um adulto consciente.

A escola, em sua singularidade, contém em si a presença da sociedade como um todo. As práticas violentas de Bullying traduzem o reflexo das ideologias sociais e midiáticas, frutos da lógica capitalista, que cria condições binárias onde existe um grupo dominante e um grupo dominado, para que o grupo oprimido seja explorado e se obtenha lucro. Portanto, apesar não existir capitalismo sem segregação e preconceito é preciso trabalhar valores com as crianças, para que suas vivências na sociedade quando adultos reflitam em atitudes solidárias e respeitosas.

No que diz respeito ao convívio escolar, as orientações didáticas para se trabalhar com valores devem ser pautadas essencialmente na prática e na reflexão. Portanto, em se tratando de respeito, deve-se levar os alunos a praticá-lo e a pensar sobre ele em conjunto com outros valores. Foi exatamente desta forma que busquei trabalhar as oficinas pedagógicas, abrindo espaço para a reflexão e propondo atividades que as colocassem em prática.

Para as crianças que começam a se perceber como parte integradora de grupos sociais, trabalhar com valores é uma escolha essencial para difundir uma sociedade pautada nos princípios da cooperação, solidariedade, participação, inclusão, colaboração, coletividade, valorização, autogestão, respeito, tolerância e afetividade.

Neste sentido, se os valores forem trabalhados constantemente no ambiente escolar por meio de projetos e diversas formas lúdicas, as crianças passam a internalizar estas vivências tornando possível que se evite e até mesmo se erradique as práticas violentas de Bullying na escola, pois como presenciei em sala de aula, as crianças passam a regular umas as outras para que façam o correto e se tenha atitudes respeitosas.

É importante que em sala de aula, ao invés de incentivar a competição entre os alunos ou a sistemática comparação entre seus diversos desempenhos, seja preferível fazer com que eles se ajudem mutuamente a ter sucesso em suas aprendizagens. O aluno que apresenta dificuldades não deve ser zombado ou humilhado. Antes, deve ser incentivado por todos. Esta prática do incentivo e da ajuda é essencial para o pleno desenvolvimento do aluno e para com a sua motivação nos estudos.

Além das oficinas pedagógicas, os questionários aplicados foram essenciais aos meus estudos, pois através dele pude conhecer melhor a realidade da escola e a importância do trabalho com a Educação com valores no auxílio a resolução de questões problemáticas quanto a violência escolar. Além disso, destaco que a equipe pedagógica contribuiu para com o meu trabalho e estava realmente engajada em solucionar estas questões na escola por meio de projetos.

Sendo assim, é importante ressaltar que um ambiente harmônico e sem violência propicia a aprendizagem e a construção do conhecimento. A harmonia e o respeito devem ser transpassados pelos próprios professores e por toda equipe pedagógica para que sirva aos alunos como exemplo de uma boa convivência. A harmonia no ambiente escolar, segundo Chalita, não é uma utopia. “É talvez uma tarefa complexa que exige o que de melhor podem dar os educadores: competência, coragem e amor.”

A partir da experiência das crianças em poder aprender e a compartilhar com os outros suas descobertas e vivências, sente-se o fortalecimento dos vínculos sociais por meio de valores que permeiam estas relações e que desqualificam qualquer tipo de prática violenta.

**PARTE III**  
**PERSPECTIVAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS**

## **PERSPECTIVAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS**

Concluir o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília foi uma das minhas maiores conquistas. Esta experiência acadêmica foi muito importante na minha vida e proporcionou-me uma formação de qualidade com momentos de intensa reflexão, aprendizagem e autonomia.

Durante o curso, vivi momentos de muito esforço e dedicação para que eu pudesse me manter na Universidade. Esforços estes, que foram muito válidos, pois não há sentimento melhor que a gratificação e o orgulho por não ter desistido e me empenhado em alcançar meu objetivo. Esta graduação marca o fim de uma etapa de minha vida para o início de uma nova luta.

A graduação na Universidade de Brasília me trouxe novos caminhos e novas perspectivas de vida. Aprendi a repensar meus conceitos e a lidar com as pessoas respeitando sempre suas particularidades e especificidades. Assim como as minhas experiências em sala de aula, que trouxeram total significado ao curso de Pedagogia, pois através destas experiências práticas finalmente me encontrei e percebi que fiz a escolha certa. Educar me faz feliz e realizada. É gratificante instigar a aprendizagem das pessoas e obter sucesso através dos resultados. Fico feliz em saber que faço algo bom para a vida delas e para a sociedade.

No decorrer do curso, tive muito contato com crianças, e assim, adquiri conhecimento teórico e prático sobre o seu desenvolvimento. Outro ponto importante foi compreender que a escola é um reflexo da sociedade, assim como a sociedade reflete a escola, e por isso é importante desenvolver uma educação mais humana, cooperativa, solidária e compreensiva. Trabalhar com valores na escola, é ao mesmo tempo, construir conhecimentos aliando a formação de bons cidadãos.

Eu pretendo trabalhar na área da Educação, pois eu realmente gosto e me sinto feliz. Não sei se o meu trabalho será com a docência, mas com certeza, quero que seja na vertente pedagógica. Minha perspectiva profissional se baseia em ser servidora pública e dar continuidade aos estudos, fazendo mestrado e, futuramente um doutorado, me especializando em alguma área.

Como pessoa, o curso foi um forte instrumento de amadurecimento e experiência na minha vida. O curso me fez enxergar o mundo em uma ótica diferente, e transformou a minha forma de se relacionar com o mundo, com as pessoas.



Termino o curso de Pedagogia muito mais humana, consciente e disposta a intervir na realidade da Educação brasileira a fim de transforma-la e fazer a diferença na vida de muitas pessoas. Tenho a convicção de que fiz a escolha certa e me sinto completamente feliz e realizada.

## REFERÊNCIAS

- AMARO, Rogério Roque. Economia solidária e desenvolvimento local como resposta à crise. [www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=7331](http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=7331), 2009
- BENEVIDES, Maria Victoria Mesquita. O Desafio da Educação para a Cidadania, 2007.
- BIERHOFF, H. W.; KÜPPER, B. Psicologia social da solidariedade. 1999.
- BRASIL. Projeto de Lei do Senado n. 228/2010. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 2010, 03p. Disponível em <<http://legis.senado.gov.br/mate-pdf/82335.pdf>>. Acesso em 26 set. 2011.
- CARMARGO, Orson. Bullying. São Paulo, 2011.
- CAMPS, V. Virtudes públicas. Madrid: Calpe, 1990.
- CAMPS, V. Os valores da educação. Madrid: Anaya, 2000.
- CHALITA, Gabriel. BULLYING, o sofrimento das vítimas e agressores, S.P. 2008.
- FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. Bullying Escolar - perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GADOTTI, Moacir. Escola Cidadã. São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- ITANI, Alice. Vivendo o Preconceito em Sala de Aula, S.P.: SUMMUS, 1998.
- KRUPPA Sonia Maria Portella (org), A economia solidária como ato pedagógico. Brasília: Inep, 2005.
- KRUPPA, Sonia M. Portella. Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos. Brasília: Inep, 2005.
- MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários a Educação do Futuro, 1921.
- PIAGET, J. A psicologia da criança. Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1998.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Bullying: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- SINGER, Paul. Economia Solidária. In: CATTANI, Antônio David. (Org). A outra economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003

TARDELI Denise D' Áurea O respeito na sala de aula / Petrópolis, R.J. Vozes, 2003.

TARDELI Denise D' Áurea. A manifestação da solidariedade em adolescentes – um estudo sobre a personalidade moral. Tese (Doutorado) – IPUSP, São Paulo, 2006.

## **ANEXOS**

### **Anexo 1. QUESTIONÁRIO PARA A COMUNIDADE PEDAGÓGICA DO CEF – 04 DE TAGUATINGA**

**1. Qual é a sua ocupação no espaço escolar ?**

- ☐ **Professor (a)**
- ☐ **Coordenador(a) pedagógico(a)**
- ☐ **Diretor(a) escolar**
- ☐ **Outra atividade inerente ao contexto escolar**
- ☐ **Outra atividade ligada à educação, mas fora do contexto escolar**

**2. Em que área da Educação ministra as aulas?**

- ☐ **Educação Infantil**
- ☐ **Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano)**
- ☐ **Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano)**

**3. Sexo**

- ☐ **Feminino**
- ☐ **Masculino**

**4. Turno**

- ☐ **Matutino**
- ☐ **Vespertino**

**5. Você já presenciou práticas violentas dentro da escola?**

- 6. Você fez algo para intervir mudar a situação?**
- 7. Como a escola reage em meio a ocorrências de violência?**
- 8. Os projetos da escola causam impacto para melhorar a situação da violência?**
- 9. As tomadas de decisão e elaboração de projetos são baseadas no diretor ou decididas coletivamente?**
- 10. Cite as mais constantes ocorrências de práticas violentas ocorridas e como a escola interviu nestas situações.**